

GRUPO DE ARTE EXPRESSÃO ESPÍRITA

"CANTIGA PARA ACORDAR"

AUTORES: ANDRÉ PORTO MACEDO  
MARCO LÍRIO DE MELLO





Os atores recepcionam o público, até que...

ZÉ - Ei, ei, vocês aí, eu vou me atirar...

TRANSEUNTE 1 - Olha lá, olha lá.

TRANSEUNTE 2 - Olhe aquele homem.

TRANSEUNTE 3 - Meu Deus! o que ele vai fazer?

TRANSEUNTE 4 - Corra, vá chamar socorro.

TRANSEUNTE 1 - Chame os bombeiros.

Todos atores tentam acalmar o público e fazem-os sentar.

ZÉ - Eu vou me atirar.

MORALISTA - Não faça isso, por favor.

ZÉ - Eu vou sim, vocês aí em baixo, é isso que vocês querem? pois olhem.

ATORES - Não.

CAPITALISTA - Por favor, meu senhor, não faça isso, há crianças aqui em baixo.

ZÉ - Dane-se, porque vocês vem me dizer isso agora? meu filho também é criança e também está morrendo. Porque vocês não pensaram nele antes, e porque acham que eu tenho que pensar.

MALANDRO - Pô cara, deixa de bancar o palhaço.

ESPORTISTA - Por favor, isso não vai levar a nada, você só está criando problemas.

ZÉ - Vocês é que vivem criando problemas, eu só saio daqui se vocês me derem um emprego. Me ouviram? um emprego.

MALANDRO - O cara tá é maluco, ninguém vai te dá emprego, desce daí.

CAPITALISTA - Por favor, seja sensato, ninguém pode lhe empregar.

ZÉ - Por que, diga porque, eu sou forte, posso trabalhar.

CAPITALISTA - Imagine só se todos os desempregados resolvessem se empuleirar nos edifícios para pedir emprego, não haveria prédios suficientes, o sr. está quebrando a ordem natural das coisas.



VENDEDOR 1 - Olha, é binóculo e lunetas para ver o Cometa Suicídio, compre dois e leve três para a família toda.

ZÉ - Eu sei, eu sei, o Pedrão me disse, ele me conta, com muita gente desempregada, vocês pagam o salário que querem, se não me derem um emprego eu me atiro...

ATORES - Não.

VENDEDOR 2 - Façam suas apostas, façam suas apostas, quanto tempo ele levará para se atirar, prêmio por aproximação.

ESPORTISTA - Seja razoável, o sr. está pedindo o absurdo, madame com licença (sai correndo)

MADAME - Veja, veja, está chegando o socorro.

GUARDA - Ei cocê aí em cima, você está infringindo a lei número 3756496746466 do parágrafo terceiro do capítulo oitavo do código municipal de perturbação da ordem.

ZÉ - Eu vou me atirar.

ATORES - Não.

VENDEDOR 3 - Vendo almofadas para assistir o grande espetáculo, o homem contra o sistema, em única apresentação.

ORIZINO - Com licença, sou da Comissão de Auxílio aos Suicidas, por favor meu jovem, por que se suicidar?

ZÉ - Eu quero emprego!

ORIZINO - Quer um emprego? um momentinho (pega uma caderneta de anotações e começa a tomar os dados de Zé) altura? 1,78, peso? 64 Kg, pretende se jogar de frente ou de costas? (fica fazendo cálculos). A julgar pelos cálculos, e pela velocidade dos ventos e condições climáticas, o sr. está com sorte, este é um dia excelente para se praticar um suicídio.

REPORTER (chega a TV) - Vocês podem notar, senhores e senhoras telespectadores, que a tensão é muito grande. Estamos aqui na Rua 33 onde dentro de instantes iremos presenciar um espetacular acontecimento: um homem quer se atirar do alto deste prédio, é isso mes-



mo, não é golpe publicitário, a situação é dramática, vamos conversar com uma senhora aqui:

MADAME - Bem, eu estava de passagem com o meu cachorrinho Frufu, quando ouvimos gritos, a sra. não conhece o Frufu? a semana passada eu levei ele ao cabeleireiro, a sra. não leva seu cachorrinho ao cabeleireiro? eles são ótimos, a sra. precisa ver, até no secador ele fica quietinho.

Mas espere, espere, onde está o Frufu? Meu Deus, Frufu, (desmaia, enquanto alguns começam a procurar o cachorrinho).

REPORTER - Vocês podem notar, senhores e senhoras telespectadores, que todos aqui estão angustiados e nervosos com esta situação dramática, mas ora, ora, quem vemos aqui? é o sr. Orizino, diretor municipal da Comissão de Auxílio aos Suicidas. Sr. Orizino, como o sr. pretende auxiliar esse pobre coitado?

ORIZINO - Assim (toca um tarol).

Todos falam ao mesmo tempo, até que o tumulto atinge o auge. Até que um grita.

MORALISTA - Calem a boca, idiotas, então tem um homem que quer tirar sua própria vida, e vocês ficam se divertindo, vamos olhar para nós mesmos. Enquanto um homem está desesperado, nós nos preocupamos em tirar proveito disso. Vamos deixar ele se suicidar, apenas para encher nossos bolsos? Vamos ouvir o que ele tem para falar. Calem a boca, (grita e vira-se para o suicida), por favor, acalme-se meu amigo, nós entendemos o seu problema, quem sabe a gente conversa um pouco, só para nos conhecermos melhor.

ZÉ - Eu não quero conversa, eu quero um emprego.

MORALISTA - Tudo bem, nós vamos providenciar, veja, você está cercado de amigos.

ZÉ - Mentira, são carniceiros.

MORALISTA - Todos estão interessados em ouvir a sua história, por



que não a conta prá nós.

ZÉ - Eu não quero contar nada.

MORALISTA - Vamos, todos querem ouvi-lo, todos estão aqui para isso, vamos sentar, pessoal!

MALANDRO - Essa não, contá história? eu vim aqui prá vê suicídio.

MORALISTA - Todos sentados. Pode falar meu amigo.

ZÉ - Bem, o que é que tu quer saber?

MORALISTA - Fale no que dar vontade, de onde você veio, para onde você vai, para onde vai essa situação.

ZÉ - Bem, nasci e vivo (ou vivia) até hoje, na favela da Mossoroca, vocês devem saber onde fica, nós temo até um bloco burlesco, ele tirô até o 2º lugar, no carnaval do ano passado. Eu tenho muitos amigo por lá: o Bráulio, o Gago, o Suruba, o Antônio, o Pedrão, vocês desgraçaram a vida deles, até meu filho, é por isso que quero um emprego, prá não acabá que nem eles, prá salvá o meu filho que não tem o que cumê e a Das dô, a coitada... Meu Deus... eu ajunto papel prá vendê moço, tô desempregado, me viro do jeito que dá, todo dia de manhazinha acordo cedo prá ajuntá papel nas loja, olho os fio e a Das dô, no chão dormindo não tenho corage de acordá eles, dormindo eles não sente fome, e eu tô cansado de vê mentira virá verdade e verdade virá passado, num creditem em Deus nem em Diabo. Nem em arcanjo que toca banjo, nem inferno que aguenta no inverno, eu sou massa que se amassa, e que não come, passa fome não sou orgulhoso, nem leproso, prefiro trabalha do que chorá esmola, eu me esmero e sou sincero, comu é que vão me dá trabalho, se não me dero nem escola? eu não sei se é a vida que chora ou se é o choro que vive, se o mal que canta, ou se é o canto que mata. Mas eu sou homem, não sou barata, quero sê livre e não tô sendo, quero um abrigo, um amigo que me oiça, antes de mi ignorá, não quero morrerê na tranquilidade, se morrer será lutando e gritando liberdade; mas eu não quero morrer, vocês pensam que é facil? (grita) Como



então encarar o amigo do bar, sem dinheiro em casa chegar... (Música Papeleiro)



PEDRÃO - ...Por favor, tenha coração.

BRÁULIO - Bacana, bicho, bacana, canta uma do Rei prá nós, Pedrão?

SURUBA - Rei, mas que rei?

BRÁULIO - Do rei Roberto, o inesquecível, o insuperável, o maioral das multidões, bicho.

PEDRÃO - Depois a gente canta, tá Bráulio?

SURUBA - É, é isso aí ô meu.

PEDRÃO - Escuta aqui pessoal, cês conhecem esse samba aqui, ó? (pega um instrumento p/bater)

BRÁULIO - Pera aí gente, eu tenho uma coisa importante prá falar!

GAGO - que-que qui é?

BRÁULIO - "Eu sou terrível, nem é bom falar, não vai ser mole, me acompanhar, eu sou terrível". (suspiros e desabafos)

É sério, patota, eu vou mudar, uma mudança muito importante na minha vida.

SURUBA - Mudá o... que?

BRÁULIO - O meu nome, de agora em diante vocês podem começar a me chamar pelo meu nome artístico; Bráulio Carlos! (risos, aplausos, vaias)

"Se você pretende saber quem eu sou, entre no meu carro, e na estrada de Santos você vai me conhecer". (novas gozações e risos)

"Quando você me ouvir cantar..."

SURUBA - Xi, fora, bú...

GAGO - Não tá-tá com na-na-nada.

PEDRÃO - Esse Bráulio é uma figura rara (Bráulio vai se retirando do palco).

BRÁULIO - (voltando) "Não adianta nem tentar me esquecer, durante muito tempo em sua vida, eu vou viver..." (risos)

PEDRÃO - Vamo lá pessoal, vamo tocá mais uma? (todos pegam instrumentos, e começam a tocar, exceto o Gago).

GAGO - P-po-po-pode pará.



SURUBA - Que qui foi agora, pô?

GAGO - Mú-música, eu conheço... de ouvi-vi-do, deixa eu vê, essa ca-ca-caixi-xinha de fósforo. Eu sa-sabia, tá,tát,tá desafi-fi-na-da. (gargalhadas e assovios, reiniciando o samba e tom mais baixo).

No outro extremo do palco, surgem duas comadres caminhando, touxa sob as cabeças, sobem o morro.

ETELVINA - ...aí a nega pegô as cria, e deitô as gadeia.

MARIA JOSÉ - Cadela! home meu é que eu não deixo fazê isso.

ETELVINA - Comade Maria, o que tem de homi safado aí, tá assim ó!

Na roda de samba:

SURUBA - ...que tem tem, mas muler é com o papai aqui ó! Não tem nega difícil, o que temé nega mal cantada.

SURUBA - Esses dia, eu tava fazendo uns jogo pro pessoal lá da metalúrgica, lá no portão, aí chegô uma dona, toda, assim, sabe, numa presença, grã-fã mesmo, e eu ali, só cubando a madame. (continua a gesticular como se estivesse falando).

MARIA JOSÉ - ...Qué dizê então aquele desgramado largô a coitada da Tereza, com tudo aquilo de filho prá criá.

ETELVINA - Também, casá com um homem daqueles, Deus me livre!

MARIA JOSÉ - E ela? tá trabalhando na fábrica inda?

ETELVINA - Não, saiu, botaram ela prá fora, só porque ela faltô um dia prá cuidá o menorzinho que tava com febrão. A Tereza tá pegando faxina agora, diz até que dá mais.

MARIA JOSÉ - Sei não, Telvina, essas muler dos condomínio, são tudo metida à rica, mas não assinam carteira nem nada, tão sempre descunfiando que a gente vai robá elas, ... querem tudo brilhando, ha, ha, ha!

ETELVINA - Que qui foi?

MARIA JOSÉ - É qui eu mi alembrei duma patroa qui eu tinha, ela não teve filho, mas em compensação eu tinha que levá os cachorro dela prá tudo que é lugar: boutique de cachorro, no banheiro, tinha que



prepará a comida; era uns dengue práqueles bicho que só vendo...

ETELVINA - ...Enquanto a gente dá um duro danado, com um mundaréu de filho prá criá.

MARIA JOSÉ - Ei tá ouvindo esse barulho?

ETELVINA - Só pode sê eles fazendo samba por aí, ô raça ruim. Falá nisso vamô lá que eu tenho que buscá o Fungêncio.

GAGO - (indagando Suruba/Fugêncio) E de-deu sorte?

ETELVINA - (respondendo à Ma. José) ...O Fugêncio? sorte nada, aquilo é vagabundo que nem sei.

Na roda de samba:

SURUBA - ...simplesmente ela jogô no bicho. Cês acreditam? a mada-me jogô no bicho, na cobra, 50 pau na cabeça.

ETELVINA - (junto com Maria José se aproximando da roda de samba)  
Ôooo Funngênciiooooo!

GAGO - E-E ela ti-tirô no bicho?

PEDRÃO - Se a cobra ganhô, eu não sei, mas que ela vai fumá,vai...

ETELVINA - (gritando no portão) Ôooooo Fuungêeenciooo.

SURUBA - Ah, ah, ...é minha nega, dá licença, tá meio tarde, eu, ha, ha.

ETELVINA - Vamô prá casa, ta na hora.

SURUBA - Pssiuuu! fala baixo, fala baixo.

ETELVINA - Tu vem ou eu vô tê que te buscá?

SURUBA - ... não, não, já vô, já vô, carma! (risos e brincadeiras)



Em 1908. Na residência do Sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Isso é um absurdo, absurdo, apenas algumas horas na cidade e é assim que vocês me recebem.

AUGUSTO - Papai, calme-se.

CAPDELUPI - Acalmar-me, acalmar-me como posso? eu me sinto culpado de ter deixado a fábrica nas mãos desses idiotas.

ESPOSA - Querido, o jantar, posso mandar servir?

CAPDELUPI - Sim, sim (impaciente).

AUGUSTO - Nós fizemos o que foi possível.

CAPDELUPI - Mentira, o possível só é feito quando episódios como este não terminam em consequências tão catastróficas, irresponsabilidade. Sr. Mateus?

MATEUS - Sim, (aproxima-se o assessor, nervoso).

CAPDELUPI - O senhor não é responsável, encarregado pela supervisão geral da Fábrica?

MATEUS - Sim senhor.

CAPDELUPI - O senhor por acaso tinha idéia dos custos que oneraram os nossos cofres pela aquisição daquela desfiadeira?

MATEUS - Sim senhor.

CAPDELUPI - O senhor tem idéia das dificuldades que sofremos para a aquisição de materiais como este?

MATEUS - Bem...

CAPDELUPI - O senhor por acaso tem idéia de quanto custam aquelas engrenagens no mercado internacional?

MATEUS - Faço cálculo, senhor.

CAPDELUPI - Faz cálculo? ha? quer dizer que sabe fazer cálculos? mas cuidado para não exagerar, pois se sua cabeça for do tamanho de suas responsabilidade vai estourar como a desfiadeira, idiota; onde o sr. estava quando aconteceu a catástrofe?

MATEUS - Bem, eu...

CAPDELUPI - Não precisa responder, não precisa responder, váia da



minha presença, suma daqui, suma deste país, pois se eu o encontrá-lo novamente, eu estouro o que lhe resta de útil desta cabeça. (sai o assessor humilhado) Idiotas, idiotas (resmungando), Fernando, você irá até o Rio Grande, faremos uma nova encomenda de peças, para substituir as quebradas.

FERNANDO - Mas não é preciso, a Cia Telefônica Rio-Grandense já está instalada, podemos fazer ligações diretas.

CAPDELUPI - Ora viva, até que enfim, boas notícias, vamos, vamos, não perca tempo, vá telefonar.

FERNANDO - Sim senhor,

CAPDELUPI - Isso realmente me tranquiliza. O progresso vai facilitar em muito os negócios, Carvalho, venha cá!

CARVALHO - Sim senhor, sr.Capdelupi.

CAPDELUPI - Por favor, conte-me o que aconteceu.

CARVALHO - Bom senhor, eu estava na fábrica fazendo, como todos os meses uma visita de inspeção, os operários trabalhavam normalmente.

Poesia simbolista (vide suplemento 1)

Auto-falante e sirene comunicando uma reunião.

AUTO-FALANTE - Dirijam-se ao refeitório, dirijam-se ao refeitório. (os operários se reúnem perfilados).

MATEUS - Muito bem, muito bem, muito bem, todos alinhadinhos, he, he, todos arrumadinhos, silêncio! está presente hoje em nossas instalações, para a inspeção mensal na fábrica, o sr.Carvalho Sampaio, administrador geral dos empreendimentos Capdelupi.Vamos nos preparar para recebê-lo. Ele deve estar agora, dirigindo-se para cá, vamos recebê-los com a nossa educação e com o nosso entusiasmo característico. Ele deve estar contente com o aumento de 25% na produção desse mês. E creio que nos dará uma re...ra, oh, sr. Sampaio, que prazer (chega o administrador).

MATEUS - Em nome dos nossos operários, queremos manifestar a nossa



felicidade para que possamos mostrar a nossa humildade e a nossa obediência servil.

CARVALHO - Ora, ora, muito obrigado Sr. Mateus, obrigado, queridos servidores, obrigado à todos. Devo confessar, que apesar dessa tarefa árdua e deste fardo que me exaure as forças, desta via crucis cheia de espinhos e obrigações, não vacilo um só minuto e derramarei meu sangue se for preciso, para manter esta fábrica com a cabeça erguida com a honra de ser a primeira em preservar os direitos humanos (todos aplaudem) mesmo que isso signifique sacrificar o lucro deste empreendimento.

EMPRESÁRIOS - O que? Carvalho?

CARVALHO - Quer dizer... quer dizer, é só para impressioná-los.

EMPRESÁRIOS - AAAAHHHHH!

MATEUS - Muito bem, muito bem

(dois funcionários se surram)

FUNCIÓNÁRIO 1 - O que foi que ele disse?

FUNCIÓNÁRIO 2 - Ah, sei lá. Mas é bom a gente fazê o que les diz, que assim a gente não trabalha.

CARVALHO - Pois bem, para provar a caridade, a bondade, a benevolência e o espírito cristão dos administradores desta empresa (pisca para os administradores) pelo aumento de 25% da produção desse mês, preparamos um banquete para todos.

OPERÁRIOS - EEEEEEEEEEE! (operários gritam e se abraçam, comemorando)

(enquanto isso ocorre, o assessor traz o "banquete")

CARVALHO - Não se esqueçam jamais deste momento, sei das dificuldades que todos passam nas suas residências, nós administradores, não estamos insensíveis aos problemas dos senhores, mas devemos convir que aqui na empresa todos tem o apoio de todos, e isso é o mais importante; amizade acima de tudo.

Enquanto falam os pratos são distribuídos, a cada um dos



operários é entregue um pedaço de miolo de pão, um punhado de farinha, e passado como forma de tortura, uma coxa de galinha.

CARVALHO - Jamais se esqueçam deste momento, falem para seus parentes, para seus vizinhos, de como as indústrias Capdelupi tratam seus funcionários. (Fala enquanto a comida é distribuída).

A coxa de galinha é puxada por uma cordinha, e de repente acontece o tumulto, pois todos querem comer a coxa. O administrador se desespera.

ADMINISTRADOR - Parem com isso, parem com isso, lembrem-se do nosso lema, amizade acima de tudo. (o tumulto é tamanho que uma das ferramentas cai na máquina e a desfiadeira explode).

CARVALHO - ...E foi assim que a coisa aconteceu, sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Como? assim que aconteceu? o sr. não havia não falado nestas despesas extras do banquete, nem desse intervalo no trabalho.

CARVALHO - Não se preocupe, o intervalo e o banquete serão descontados, no salário dos operários como "despesas diversas".

CAPDELUPI - Bem pensado, muito bem pensado. Então sentemo-nos, pois que a viagem foi muito cansativa e eu necessito descansar, essa estrada está cada vez pior, ainda bem que fiquei sabendo de projetos do governo visando estender estradas de ferro por todo o estado. Meus amigos, peço-lhes por esse imprevisto, mas o mundo de negócios é assim mesmo, com muitas surpresas, nas suas maiorias, grandes decepções.

SERRA - Não se importe conosco, sr. Capdelupi, compreendemos muito bem a situação. Mas o sr. está cansado, não quer deixar essa conversa para amanhã.

CAPDELUPI - Oh, não, não, neste corpo ainda há saúde para dar a volta ao mundo (todos riem acompanhando as risadas do negociante) Ainda, além do mais estou ansioso para tomar ciência das novidades, estive muito tempo afastado, preciso me situar no tempo.



SERRA - Existem muitas novidades, a administração do sr. entendente, Cipriano Barcellos, tem sido muito dinâmica, além da instalação da Cia Telefônica, finalmente, iniciou-se a construção do Cais, sendo que o meu sobrinho aqui, participou da elaboração do projeto.

CAPDELUPI - Ora, ora, isso me alegra muito, e como andam as obras, meu jovem sobrinho?

SOBRINHO - Eu estou afastado do trabalho. Apenas colaborei com o Sr. Costa Leite e o Sr. Alves Ramos, os projetistas, por pouco tempo, mas pelo que me consta as obras do lado da estação fluvial estão quase prontas escolheu-se antecipar estas às obras do ramal com o fim de obter-se pronta serventia, principalmente para navios de barra-fora.

CAPDELUPI - O último (diz o empresário, recebendo a bebida do filho)

SERRA - Mas e o sr. o que nos conta de novidade do centro do país?

Entra na sala a esposa do empresário.

CAPDELUPI - Aproxime-se querida, o sr. Serra e o seu sobrinho estão me contando novidades. Por favor vamos nos sentar. Quanto à sua pergunta, posso lhe assegurar que o centro do país apresenta uma preocupação generalizada com a saúde de Afonso Pena e também com a concorrência das indústrias em relação ao café, sem falar...

ESPOSA - Por favor, desculpe-me, não quero atrapalhar a conversa, e creio que se os senhores demorarem muito, o jantar vai esfriar.

CAPDELUPI - Claro, claro, já estamos indo querida, vamos, vamos senhores continuaremos a conversa à mesa. Mas antes (silêncio) venham, aproximem-se, como uma família temente aos valores cristãos, certo da responsabilidade que Deus nos incumbiu, a responsabilidade de guiar as ovelhas perdidas através do trabalho e da disciplina. Vamos fazer nossa oração. Quem quer fazer a prece?

TODOS - Ele (uns apontam para os outros)



CAPDELUPI - Muito bem, o sobrinho do sr. Serra, fará a prece.

SOBRINHO - Serve um Pai-Nosso?

CAPDELUPI - Não, o sr. não está inspirado, deixa que eu faço.

Excelentíssimo pai das alturas, mui respeitosamente vimos, por meio desta, rogar bençãos na refeição de hoje, bem como auxílio na obtenção dos lucros diários, que hajam cada vez mais empregados, e menores salários para que colhamos o fruto do esforço coletivo, a bendita e santificada Mais Valia. Seja nossa aplicação o progresso, e o progresso o nosso retorno, permite, senhor que eu explore o quanto possa explorar e que eu tenha a dádiva de meu sonho realizada: ha, ha, he, he, tal qual um humilde pastor conduzindo suas ovelhas, no caminho da redenção, livres dos pecados do mundo e crentes de sua fé, paguem pelo bálsamos do trabalho que eu lhes propicio no meu desinteressado altruísmo. Cientes de vossa atenção, atenciosamente, agradecemos o que nos apresenta. Amém.

Todos saem para a sala de jantar, continuando a conversa, ficam ali Fernando e a esposa do empresário.

FERNANDO - Porque você não foi ontem? (baixinho, segredando)

ESPOSA - Ele esta para chegar.

FERNANDO - Você sabia que ele só poderia chegar hoje!

ESPOSA - Eu não posso me arriscar.

FERNANDO - Você vem me evitando porque?

ESPOSA - Fale baixo.

FERNANDO - Se você não for hoje, eu contarei a ele.

ESPOSA - Não faça isso, estragaria tudo. Ele acabaria nos matando.

FERNANDO - Se você não for, eu, eu

ESPOSA - Largue de meu braço, não me agarre.



As comadres de Das dô, a trazem inconsciente nos braços, local:  
Barracão na Favela.

EETELVINA - Agarra aqui, ajuda aqui, comadre,

ZENILDA - Calma aí, dá licença?

MARIA - Desafasta, deixa el a tomá um ar, que a coitada desmaiô.

GAGO - Que que qui-qui aconteceu, heim?

ZENILDA - Aventa um pouco, Etelvina.

TEREZA - Cumé qui foi acontecê isso?

ZENILDA - Acho qui foi da fraqueza.

MARIA JOSÉ - Tereza, me arruma umas cidrera, prá eu fazê um chá  
prá Das Dô.

Dna. EUZÉBIA - Bota ela aqui (No barraco)

MARIA JOSÉ - De que feito foi?

ZENILDA - Ela táva na fila do Inamps, já fazia treis dia...

Dna. EUZÉBIA - I tratam a gente mal que nem sei, si a gente não re-  
clamasse deixavam a Das dô lá, istendida e ninguém dava bola.

GAGO - Se-se-rá alguma co-coisa que que ela comeu?

MARIA JOSÉ - Que nada, pelo que sei, a coisa tá tão braba, que ela  
faz bem uns dois dia não come nada.

EETELVINA - Então ela deve de tá doente!

ZENILDA - Será que ela tá?...

Dna. EUZÉBIA - Será?

TEREZA - Iiii, un sei não, mas tá parecendo.

MARIA JOSÉ - Das Dô... até que infim (Das Dô voltando a si)

DAS DÔ - (Voltando a si) ... o que que foi? tô meio enjoada, me deu  
umas tontura e eu caí.

ZENILDA - Num disse?

EETELVINA - Porque tu não falô muié, que tu vai fazê agora?

TEREZA - Ma, Das Dô, tu não assistiu os falatório da assistente  
sociá, das, das... daquelas coisa?

DAS DÔ - Assiti.

ZENILDA - Tu não fez como ela ensinô, si alembra cumo ela fez?

DAS DÔ - Mi alembro, as assistente mostrô as borrachinha, que era





prá não ficá barriguda, aí botaram lá nos galho das arvore prá mostra e...

E TELVINA - E aí?

DAS DÔ - E aí eu acho que não 'diântô' as arvrezinha lá de casa tá tudo ensacadinha, É mas não diântô, né?

Em outro plano, os amigos vem retornando do trabalho.

ZÉ - ...E é isso aí, Pedrão, i não deu certo aqueles troço.

PEDRÃO - Mas eu não te dei umas pílulas, não dei Zé?

ZÉ - Deu.

PEDRÃO - E aí, o que que tu fez com elas?

ZÉ - Tomei, ué.

PEDRÃO - Mas não era prá ...deixa prá lá Zé.

ZÉ - Que qui eu vô fazê, tô com bolo de conta atrasada prá paga, até já me cortaram o pendura na venda, a família tá aumentando, se mo sete lá em casa, a menorzinha tá doente, ainda tem os gasto de colégio, í com esses biscate a coisa tá ficando preta, tô apavorado, Pedrão!



Em 1908, na sala da casa do Sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Alguém, atenda esta porta! droga este colarinho.

AUGUSTO - Papai, tenho algo a lhe falar.

CAPDELUPI - Depois, depois, droga, alguém atenda esta porta!

AUGUSTO - Mas é importante.

CAPDELUPI - Eu já disse que não, não vê que estou ocupado? Alguém atenda essa porta. (grita, e em seguida passa um empregado, o mordomo) Ah! onde você andava?

MORDOMO - Bem eu...

CAPDELUPI - Não interessa, vá abrir a porta. Saia da frente rapaz, eu estou para receber visitas, e você fica aí me atrapalhando.

AUGUSTO - Mas papai, nós estamos enfrentando problemas na fábrica.

CAPDELUPI - Ora papai, ora papai (ironizando), problemas, problemas. Será que vocês só vem falar de problemas? ainda não aprenderam a resolvê-los por conta própria?

AUGUSTO - Papai, os empregados estão insatisfeitos com os salários. Há um clima de insatisfação. A produção está caindo, isto pode acarretar graves problemas. Além disso, alguns feirantes se apossaram dos terrenos ao lado da fábrica e estão atrapalhando a construção do novo pavilhão.

CAPDELUPI - Quanto aos funcionários, despeça alguns, existem muitos procurando vagas, aumente as horas de trabalho, isto vai amedrontá-los. Quanto aos feirantes, tire-os de lá à força.

AUGUSTO - As coisas não são bem assim papai, o sr. sabe que despedindo alguns funcionários nós estamos apenas retardando o problema e o aumento das horas de trabalho aumentaria a insatisfação. E os feirantes parecem ter a permissão do sr. Intendente.

ALFAIATE - Senhor Capdelupi. (entra o alfaiate)

CAPDELUPI - Ah! é o sr. alfaiate! O blazer já está pronto?

ALFAIATE - Sim, só falta alguns pequenos ajustes, experimente.

CAPDELUPI - Reajuste? Droga, todo mundo quer reajuste. Bom mesmo



era no tempo dos escravos. Se os cativos incomodavam, era só colocá-los no tronco e pronto. Foram aqueles membros do Clube Abolicionistas, Lobo da Costa, Fernando Osório... Foram eles que meteram estas idéias nas cabeças dos negros e hoje nem branco nem negro respeitam mais nada.

AUGUSTO - Ora papai, até parece que o sr. não lucrou com a libertação dos escravos.

CAPDELUPI - Cale a boca.

AUGUSTO - O sr. sabe bem que os negros não tinham como sobreviver em liberdade, eles só tinham que aceitar as condições dos seus antigos donos, aceitar outro tipo de escravidão, e pelo salário.

CAPDELUPI - Mas não fizemos nada além do que nos era permitido. As coisas são assim, sempre foram.

AUGUSTO - Eu sei, mas isso não impede que o sr. mude as regras. Talvez não possa ajudar toda a sociedade, mas pode mudar no âmbito de sua responsabilidade. Papai, os funcionários estão enfraquecidos, desgastados, com o salário calculado sobre um tempo fixo eles não ganham aquilo o que lhes é direito, neste tempo fixado eles tem produzido muito mais de que ganham muito mais do que corresponde o salário, e no entanto esta diferença de produção vem para os nossos bolsos.

CAPDELUPI - Você está louco? Quem lhe andou metendo estas idéias na sua cabeça? - Alguém abra esta porta - Como você acha que eu adquiri esta casa? esta roupa? essa roupa que você está vestindo, essas calças, essas cuecas? Fique sabendo, seu pirralho, eu trabalhei, trabalhei muito e não vou dividir o que é meu com ninguém. Alguém abra esta porta.

AUGUSTO - Tudo bem, tudo bem, mas então se não aceita dividir pelo menos o mínimo para terem uma vida digna de um ser humano.

CAPDELUPI - Filho, eu não posso fazer isso, se aumentarmos os salários dos empregados aumentará os custos de produção e com eles os



preços, com os preços altos, fatalmente sofreremos uma queda de vendas no mercado, isso nos levaria à ruína.

AUGUSTO - Mentira!

CAPDELUPI - Que é isto garoto? me respeite...

AUGUSTO - O sr. sabe que basta repassarmos o desconto do aumento de salário para os lucros para que os preços não se alterem.

CAPDELUPI - Olha garoto, você pensa que administrar uma empresa é muito fácil. Hã. Pois você sabe quem é que assume os riscos dos erros de investimentos que vocês cometem? das crises e dos funcionários irresponsáveis, quem? Sou eu. E só o lucro me garante segurança, só o lucro.

AUGUSTO - E o que garante a segurança dos funcionários pelos riscos de saúde, pelos riscos de desemprego?

CAPDELUPI - Porque você defende estes idiotas?

AUGUSTO - Porque estou envergonhado de mim mesmo. Por saber que os idiotas não são menos idiotas por conveniências de meu pai.

CAPDELUPI - Seu...

POLÍTICOS - Com licença (entram na sala, dizendo em uníssono os visitantes)

CAPDELUPI - Ah, por favor, entrem. Não saia (diz para o filho) não terminamos nossa conversa. Então, como vão as perquisas políticas?

POLÍTICO I - Muito bem.

POLÍTICO II - Muito bem. E é sobre este assunto que viemos falar-lhe.

CAPDELUPI - Ótimo, pois não percam tempo.

AUGUSTO - Papai.

CAPDELUPI - Cale a boca.

POLÍTICO I - Eu tenho um projeto.

POLÍTICO II - Eu tenho um projeto.

POLÍTICO I - Não, eu.

POLÍTICO II - Não, eu. (discutem, alguém bate à porta, atende o



mordomo)

CAPDELUPI - Vamos andem logo, não tenho muito tempo. Como é sr.alfaiate, quando é que vai acabar isso?

ALFAIATE - Só mais um momentinho.

POLÍTICO I - O projeto é este (apresenta um rolo de papel-higiênico)

CAPDELUPI - O que é isto?

(Entra o artista Michelíndio)

POLÍTICO II - É o nosso projeto. Caro colega! (pegam duas cadeiras, o Político I sobe em uma cadeira, enquanto o Político II aplaude).

POLÍTICO II - Muito bem (aplausos).

POLÍTICO I - Eis aqui. O papel-higiênico. Para que ele serve senhores? Para limpar o orifício expelidor de produtos orgânicos não aproveitados pelo organismo humano, limpá-lo das descargas dos dejetos adorosos e barrocos que o pululam. Mas não é um papel comum não. Vejam a textura, adapta-se aos mais diversos tipos de orifícios. Este aqui é do tipo lica, para orifícios mais asperos; este invisível para quem sofre de prisão de ventre, este com anúncio de classificados para quem não pode perder tempo, este tipo confete, para os mais econômicos os usuários podem usar o lado oposto para açoar o nariz. Este com desenhos infantis para crianças, este tipo exportação, com embalagem especial, abre-se a caixinha e toca a nona de Beethoven (aplausos).

POLÍTICO II - Vossa Excelência é um mentiroso, o que o sr. quer é causar uma epidemia de hemorróidas.

POLÍTICO I - Sua ignorância não me agride...

POLÍTICO II - Este produto que vossa excelência hora nos apresenta é importação, eu sei. Por isso, colegas parlamentares faço um apelo para que este projeto não seja aprovado, mais isto é mais um pretexto para dependermos de capital estrangeiro. Isto sé pode ser



idéia de um energúmeno:

POLÍTICO I - Energúmeno é Vossa Excelentíssima progenitora.

POLÍTICO II - Ora seu néscio, repita o que disse.

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Gostei muito do projeto, podem ter certeza que as Indústrias Capdelupi darão todo o apoio possível para a campanha.

POLÍTICO I - Muito obrigado sr. Capdelupi, sabíamos que o sr. ia entender.

POLÍTICO II - O sr. gostou da nossa atuação? nós ensaiamos muito, queremos fazer bonito quando assumirmos o parlamento.

AUGUSTO - Papai, isso é loucura.

CAPDELUPI - Cale a boca. Vocês foram excelentes.

POLÍTICO I - Muito obrigado, muito obrigado, desejamos que sua vida seja como a de um papel higiênico.

CAPDELUPI - O que?

POLÍTICO II - Longa e útil... Muito obrigado, muito obrigado.

CAPDELUPI - Bem sentem-se, vou mandar trazer-lhes um café.

AUGUSTO - Mas papai, eles não falaram nada que se aproveite.

CAPDELUPI - Você não entende nada de política, eles falaram o que me interessa, isso que importa. Já terminou sr. Clodovisto?

ALFAIATE - Já estou acabando sr.

CAPDELUPI - Ora, ora mas como sou distraído, é o sr. Michelíndio, por favor, sente-se

MICHELÍNDIO - Como vai sr. Capdelupi?

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Ah. Vejo que trouxe o material. Ótimo, e quando deseja começar a trabalhar?

MICHELÍNDIO - Se possível, agora mesmo.

CAPDELUPI - Agora? mas eu não estou muito bem, tenho olheiras, não dormi bem a noite.

MICHELÍNDIO - Não se menospreze sr. Capdelupi, o sr. está ótimo. Onde posso colocar meu material?



CAPDELUPI - Ha, por favor, coloque aqui. Vamos senhores, continuemos a conversa.

POLÍTICO I - Pois bem sr. Capdelupi, neste período até as eleições estamos de permanente contato com as classes representantes do povo para aperfeiçoarmos o nosso projeto.

CAPDELUPI - E quem são as pessoas? talvez eu conheça. Posso ajudá-los.

POLÍTICO I - São pessoas comuns, do povo.

POLÍTICO II - Banqueiros, administradores, fazendeiros.

CAPDELUPI - Veja Augusto como ficou bem este blazer. Ótimo trabalho sr. Clodovisto. Como vai o nosso artista, já terminou o esboço?

MICHELÍNDIO - Não sr. Capdelupi, falta apenas alguns detalhes.

CAPDELUPI - Posso dar uma olhada? (aproxima-se do quadro) mas isso não sou eu, isto está horrível.

MICHELÍNDIO - Por favor, não está terminado.

CAPDELUPI - É horrível. Eu não aceito isso, faça outro.

MICHELÍNDIO - Mas sr....

CAPDELUPI - Faça outro já disse (destrói o quadro)

MICHELÍNDIO - Mas isto é como eu vejo, é minha visão que o sr. está destruindo, isto é um insulto.

CAPDELUPI - Insulto? O sr. me faz com o nariz torto, as orelhas grandes e o que é pior, com a pele morena como um mulato, eu sou branco, não está vendo?

AUGUSTO - Porque o sr. detesta tanto os negros papai?

CAPDELUPI - Mas eu não detesto, até acho que o negro é o melhor amigo do homem.

MICHELÍNDIO - Sr. Capdelupi, o sr. é um cornucópio de asneiras. Nunca fui tão insultado em toda a minha vida. Eu não admito que o sr. trate-me assim de mim nem a minha obra.

CAPDELUPI - Escute aqui seu artistazinho de meia tigela, quem foi



que lhe subsidiou a compra desse material?

MICHELÍNDIO - O sr.

CAPDELUPI - Quem está lhe pagando pelo seu trabalho?

MICHELÍNDIO - O sr.

CAPDELUPI - Pois então peque este seu material e pinte o que eu lhe pago para pintar.

Os políticos cochicaham com o empresário.

CAPDELUPI - Sr. Michelíndio, quero que ajude aos meus amigos aqui,

POLÍTICO II - Nós gostaríamos que o sr. desse um pouco de sua criatividade à nossa campanha.

MICHELÍNDIO - Sr. Cardoso, eu sou um artista não um...

CAPDELUPI - O que foi que o sr. disse? (mostra um conto de réis)

MICHELÍNDIO - Que não sou de negar um favor a um amigo (obediente)

O mordomo interrompe a cena e cochicha com o empresário, que arregala os olhos.

CAPDELUPI - Já devia ter mandado entrar. Vá buscá-lo, vocês saiam daqui, pelos fundos, filho acompanhe eles, vocês terminam isto depois. (se arruma e entra a visita)

CAPDELUPI - O Dr. James Schmidt, por favor sente-se

JAMES - Como vai o sr.?

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Mas, por favor diga-me como foram as negociações? Vou receber o empréstimo?

JAMES - Sim, todos os seus pedidos foram aceitos, as dificuldades é claro foram enormes, o sr. bem sabe da crise que estamos passando. Mas existe sempre uma disposição muito grande em ajudar os amigos, mesmo que isso nos custe grandes sacrifícios. Os obstáculos foram transpostos e o empréstimo foi concedido, é só assinar aqui.

CAPDELUPI - Ótimo, agora posso aumentar o capital para 1500 contos e passar a fábrica para Companhia, muito obrigado Dr. James, eu lhe sou muito grato, eternamente grato, muito obrigado, muito obrigado.





JAMES - Obrigado (sarcástico) sr. Capdelupi, o sr. conhece a piada da formiguinha?

CAPDELUPI - Piada da formiguinha?

JAMES - É, aquela piada, a formiguinha queria atravessar o rio então pediu para o elefante e o elefante a levou a outra margem e quando ela disse obrigado, ele falou obrigado não vá baixando as...

CAPDELUPI - Sim, eu sei, eu sei, mas porque o sr. está me dizendo isso?

JAMES - É que existem apenas algumas exigênciazinhas de nossa parte. Elas estão todas aqui relacionadas. Até mais sr. Capdelupi, Good Bye (tire uma lista enorme)

CAPDELUPI - Deus do céu, mas estes juros são muito altos, como vou fazer para pagá-los. Estou arruinado (cai sentado na cadeira).

AUGUSTO - Papai (entra Augusto) quando é que vamos terminar nossa conversa? Se não tomarmos uma atitude as coisas podem piorar. O que eu faço com os feirantes?

CAPDELUPI - Empregado? Feirantes? (levanta-se pensativo) Mas é claro, por que não pensei nisto antes. Estão resolvidos os problemas. Faremos um acordo com os feirantes e os nossos funcionários poderão comprar lá, venha filho.



Uma feira de horti-fruti-granjeiros é montada, com feiristas. Um chorinho toca ao fundo intermediando os diálogos. Em cena carregadores, transeuntes e moradores da favela da Mossoroça. Os feirantes anunciam seus produtos.

ZÉ GRANDÃO - ...olha a banana, o tomate, a melancia, laranja do céu e de umbigo, batata-doce e abóbora.

BUGRA DAS ERVA - ...éia as erva, tem carqueja quié pros intestino, pepoejo e cancorosa da miuda e da graúda, pobrema de fraqueza é catuaba é erva prá tudo, freguês...

FLORISTAI - Temos todos os tipos de flores, mudas de árvores por encomenda, grama prá jardim, e também...jasmim, temos todos os tipo de flor, rosas begonhas e também...

ANTONIO - ...e também ovo da colônia, queijo e mortadela, nós temos morsilha, rapadura, fartura de tudo que é verdura.

ETELVINA - Óia aqui muié este tomate.

PORTUGA - Olhe a vontade madame, são de primeira qualidade. Estes aqui são escolhidos.

ETELVINA - É mas não parece tá muito bom não.

PORTUGA - Não digues isso. São fresquinhos!

Dna.EUZÉBIA - Mas óia, óia os preço.

ETELVINA - Ela tem razão portuga, os preço tão caro.

PORTUGA - Isto eu não discuto afinal os tomates são de primeira.

ETELBINA - Deixa vê (pega o tomate)

PORTUGA - A senhora vai comprar o tomate?

ETELVINA - Primeiro eu vô vê se tã bom. (aperta o tomate)

Portuga - A senhora pode olhar mas não pode apertar. (tira o tomate)

ETELVINA - Mas se su não apertar como vê sabe se tã bom.

PORTUGA - Se apertar vai estragar o tomate.

ETELVINA - Mas se eu não apertar não vô sabe se tã bom o tomate.

PORTUGA - Por favor se a senhora não quizer o tomate retire-se



EETELVINA - Ora que desaforamento, meu marido tem que sabe disso.

PORTUGA - Vá para o raio que... Vá apertar o tomate do seu marido.

EETELVINA - O seu portuga desaforado, ladrão.

PORTUGA - Olhas o que falas.

Dna EUZÉBIA - Ocê cala essa boca se não. (pega o tomate e ameaça atirar)

PORTUGA - Não! Porfavor o tomate não.

Dna.EUZÉBIA - Nem de graça eu queria esses tomate podre ai,safado.

(riem do portuga)

PORTUGA - Suas sem verganha, jararacas...

Dna EUZÉBIA - Vamo embora muié, vamo vê se a gente encontra mais barato.

(do outro lado)

ZENILDA - (se aproximando, junto com Das dô, da feira) Apura, Das Dô, vamo vê se a gente encontra mais barato, vamo apruveita enquanto não sobe.

CANINDÉ - ...É aqui, corvina, tainha e filé... compre na Banca do Canindé...

DASDÔ - Santo home esse patrão, né Zenilda? como esse bônus vai dá um alívio, né mesmo?

BUGRA DAS ERVA - Tem alívio prá dor, é as erva medicinal, compre, compre aqui. Cura tudo, dor de pescoço, dor de cabeça, dor de cabelo e até dor cutuvelo...

ZENILDA - É, esse adiantamento veio mais do que na hora.

DASDÔ - (Em frente a banca do Zé Grandão) Tá tudo mais caro. Etelvina é um robo. (revoltada).

FLORISTA - ...flores, quem quer flores? Ramalhetes, buquês, arranjos de flores de presente.

MARIA JOSÉ - Isso é que não pode sê.

EETELVINA -PORque? Subiu de novo?

ANTONIO - É... é, é a inflaçã.



ZÉ GRANDÃO - Aproveitem, que o bônus tem validade somente aqui na feira.

TEREZA - Tão nos roubando, em tudo os outros lugar é mais barato, tão pensando que a gente é tudo bobo, é?

Dna EUZÉBIA - Mas isso é uma exploração...

CANINDÉ ...que vem mar e é salgado, é o peixe fresquinho que sai na hora na banca do canindé.

ZÉ GRANDÃO - Olha a alface, a cenoura... é só trocar pelo bônus.

DASDÔ - Mas isso não dá prá nada (convergem os protestos para onde está Zenilda)

(De subitoparecem brigando no meio das pessoas Carlota e a Bugra das erva)

BUGRA DAS ERVA - Negócio é o seguinte, tô vendendo minhas erva numa boa, aí vem essa madama metida a besta e pisa nos meus calo. Mas eu pego ela... (alvoroço)

CARLOTA - Mentirosa! Essa feira tá com os preço tudo alto pessoal. Ai, só porque eu resolvi reclama, que é nosso direito, ela me taca a mão na cara mas eu te quebro desgraçada. (alvoroço)

BUGRA DAS ERVA - Vem cá se tu é home, vem cá...

PORTUGA - Por favor, por favor senhoras tenham calma.

EVELVINA - Calma nada, sai daí o Portuga filha da puta.

BUGRA DAS ERVA - Tá bem pode larga vamo bota a cabeça no lugar, me solta. Mas primeiro deixa eu acaba com essa nega...

CARLOTA - Me larga, pode largá. Ai pessoal os preço foram aumentado e nós não podemos compra notro lugar por causa desses vale, isso é sujeira que tão fazendo com a gente. Isso é coisa dos patrão lá da fábrica.

ZENILDA - Não vamo compra nada! Eu bem que vi que tinha coisa aí tem alguém por trás dessa sujeira.

BUGRA DAS ERVA - EEE, mas que que há pô. Os patrão tão querendo beneficio para vocês com esses vale e vocês fazem isso (apulpos vai-



as).

EDELVINA - Isso... vamo quebrá tudo.

MARIA JOSÉ - Peraí, pera aí.

Dna EUZÉBIA: Vamo quebra, vamo dá neles.

TEREZA - Não vai adiantá nada Telvina.

ZENILDA - Vamo lá falá com o Pedrão, do sindicato, só pode sê coisa dos homi lá da fábrica...

PORTUGA - Vocês não podem ir embora, tem que comprar aqui, voltem!



Em greve, os operários estão sentados ao chão, ao fundo do palco.

À frente, é 1908, na casa do sr. Capdelupi.

CARVALHO - Estamos há duas semanas parados, que vamos fazer?

AUGUSTO - Nada. Não vamos fazer nada.

CARVALHO - Mas como? nosso estoque está acabando, em breve não teremos o que fornecer ao comércio, isto será o caos.

AUGUSTO - Mas foi papai que gerou este problema, ele deve resolvê-lo.

CARVALHO - Isto não é justo sr. Augusto, as intenções, os vales adiantados sobre o pagamento, foram as medidas mais humanitárias possíveis.

AUGUSTO - Humanitárias? O que aquele velho é, é uma raposa. Ele viu que não poderia pagar as dívidas sem perder os lucros e transferiu o que devia descontando do salário dos empregados.

CARVALHO - Ele estava preocupado com a insatisfação dos funcionários, pensou apenas em ajudá-los.

AUGUSTO - Sim, ajudá-los, pois bem, o sr. não é burro sr. Carvalho. Ele fez um acordo com os feirantes, disse que faria com que todos os funcionários comprassem lá com duas condições. A 1ª que se transferissem de lá, pois estavam prejudicando a construção do pavilhão B e a 2ª de que aumentassem os preços, sendo que ele ficaria com a diferença em relação ao preço real. Dando os vales para os funcionários, ele estava obrigando a comprar por um preço maior, fazendo com que eles pagassem as dívidas.

CARVALHO - Eu não vejo dessa forma. Isto foi só um empréstimo. Aqui os funcionários tem tudo do melhor.

AUGUSTO - Tudo do melhor? Então me diga por que a greve?

CARVALHO - Porque, porque eles são ingratos.

AUGUSTO - Ora...

Augusto e Carvalho saem de cena. Os operários que estavam ao fundo começam a se movimentar.



LAERTE - Aí pessoal, eu tô de saco cheio de esperá uma decisão, esses cara tão inrolando, tão nos fazendo de palhaço.

JUCA - Vamo quebra tudo.

LAERTE - É isso aí, vamo quebrá essa merda!

ANTÔNIO - Pera aí pessoal, vamo calmá, vamo esperá o Pedrão que foi falá com os home, ele deve nos dize alguma coisa.

LAERTE - Nós já esperamo demais.

JUCA - É isso aí (burburinho)

ANTONIO - Nós devemo ter paciência, se quebrarmos tudo estaremos sujeitos a perder o nosso emprego, é a lei.

LAERTE - Que lei, uma ova, essas lei só serve prá botáem nós, olha o salário que a gente ganha, não é as lei que manda.

ANTONIO - Eu concordo com vocês, só estou pedindo prá esperá um pouquinho.

LAERTE - Mas e tu acha que eles merece esperá. Nós esperamos e óia o que eles fizeram, nos deram aqueles vale e nos obrigaram a comprar naquela feira com os preços tudo remarcado. Eles merece esperá gente?

TODOS - Não.

LAERTE - Então vamo quebrá.

ANTONIO - Espere, olha o Pedrão vem vindo.

JUCA - Pedrão, cumé que foi?

ANTONIO - Ele vai dá os aumento?

JUCA - Fala home.

PEDRÃO - Pera aí, um de cada vez, Eles não deram resposta, disseram prá gente esperá.

LAERTE - Esperá? Essa não. Mas tu foi lá i não colocô a nossa proposta?

PEDRÃO - Coloquei tudo que tinha que colocá, eles acharam absurdo os aumento e disseram que a empresa não aguentaria a sobrecarga na folha de pagamento.



JUCA - E tu? que foi que falô?

PEDRÃO - Eu disse que se eles não desse os aumento que os prejuízo ia se bem maior, porque nós não ia volta a trabaiá.

JUCA - É isso aí.

ANTONIO - E que mais Pedrão?

PEDRÃO - Aí disseram que iam pensar na proposta e mandaram eu esperá.

LAERTE - Eu não tô dizendo? tem que quebrá tudo.

JUCA - É isso aí.

ARZILINO - Não vai adiantá nada.

LAERTE - AAAAA, pára de resmungá aí Arziliano, para de resmungá e vem com a gente.

ARZILINO - Vocês são muito apressado, se fizerem isso vão conseguir é nada.

PEDRÃO - Pessoal, nós não vamo sedê em hipótese alguma, isso sem faze quebra-quebra, isso não vai adianta nada.

ARZILINO - Sabe, isso já aconteceu antes.

LAERTE - Que que foi véio?

ARZILINO - E tô dizendo foi lá por volta de 1908, aconteceu uma greve bem parecida como essa daqui.

LAERTE - Aé é, e cumé que acabô velho, o pessoal quebro tudo.

ARZILINO - Claro que não, naquela época o pessoal tinha tutano e não era burro qui nem tu. (risadas) Mas a greve não deu em nada, no fim os patrão precionaram e tudo mundo voltô a trabalhá.

LAERTE - Ai ó, eu não tô dizendo pessoal, se a gente não assuta eles, eles não vão afloxá.

PEDRÃO - Desce daí ôlaerte, cala a boca que sê fica melhor. Pessoal o negócio é ficá aqui e fincá o pé até eles sede o aumento.

ANTONIO - Pessoal, são eles (entram os patrões)

EMPRESÁRIO - Queridos funcionários. Estivemos pensando exaustivamente na justa reivindicação que ora vos incita a esta manifestação desesperada. Como todos sabemos a nossa Indústria passa por uma





grave crise econômica. Não particularizando, crise esta consequência da política de guerra contra a inflação adotada pelo atual governo. E nessa guerra todos os esforços são necessários, ninguém pode estar de fora. Do mais humilde funcionário ao mais graduado, os esforços devem fundirem-se de forma efetiva. Devemos nos doar, doar nosso sangue se for preciso, devemos estar unidos para superarmos as dificuldades e alcançarmos a glória do Brasil

. Precisamos encarar estas dificuldades de frente. É sabido que a situação nos leva a tomar atitudes irracionais, que prejudicam o andamento de nossa honrada labuta. Vamos deixar o superficialismo e a folia, afinal de contas isto aqui não é nenhum baile de carnaval (entra o sonoplasta com "ei você aí, me dá um dinheiro aí"). É evidente que em nossa empresa preocupa-se com os seus funcionários e procura sempre, na medida do possível, tomar medidas que beneficiem a todos. É certo, os tempos nos dão a impressão de vivermos na corda bamba, mas nem por isso vamos transformar nossa empresa num circo. (Toca uma música de circo) Assim senhores resolvemos mais uma vez sacrificarmos talvez o futuro desta empresa e concedermos um aumento de 5% (burburinho).

PEDRÃO - Mas nós pedimos um aumento de 200%, o salário já é mixo, com a inflação então nem se fala. Esses 5% não dá pra nada.

EMPRESÁRIO - Ora, vamos senhores, compreendam, que 5% já é um risco muito grande para a empresa; além do mais, os vales de adiantamento de salários serão mantidos.

LAERTE - E vamo sê obrigado a comprar na feira com os preço lá em cima é?

EMPRESÁRIO - Isto já foi providenciado. A empresa não se responsabiliza pelo aumento de preços, já estamos tratando de outro local para as compras (burburinho), senhores, senhores, por favor. Nós não podemos admitir que tais problemas afetem a grande amizade que faz de nossa empresa uma das primeiras do mercado. Devemos estar conscientes de que Deus nos trará um futuro melhor e nós devemos



ser cordeiros da sua vontade, conservando os divinos laços que nos unem, porque não fomos trazidos aqui por acaso. (Música religiosa) (chega à frente como numa missa entregando dinheiro para os funcionários como hóstia, até chegar à frente de Pedrão).

EMPRESÁRIO - Ah, ah, então você está aí.

PEDRÃO - Você continua enganando eles.

EMPRESÁRIO - Ora, não estou fazendo nada de errado.

PEDRÃO - Como não? Você não nos aluga por hora, isso não é errado?

EMPRESÁRIO - Mas a lei me permite.

PEDRÃO - A lei (cospe) a lei não é justa.

EMPRESÁRIO - Não é, então vamos resolver isso fora da lei.

Duelam como cowboys, o empresário saca do dinheiro, ferindo Pedrão na barriga.

EMPRESÁRIO - Senhores, senhores, tenho uma relelação a fazer. (burburinho) O sr. Pedro Vargas, representante do Sindicato é o grande responsável pelo aumento de preços na feira. (burburinho) Na realidade o sr. Pedro Vargas veio à diretoria da fábrica e exigiu que tomássemos alguma atitude para solucionar a crise que passávamos.

ANTONIO - E daí? Ele estava tentando nos ajudar.

EMPRESÁRIO - Até aí posso compreender, mas acontece que foi ele que indicou a feira e sugeriu a forma de compra.

JUCA - Mentira.

EMPRESÁRIO - Está claro senhores que ele estava conchavado com os feirantes e acordou com eles o aumento dos preços, aceitando por isso gorda propina.

ANTONIO - Mentira. (tumulto)

LAERTE - Isso é verdade Pedrão?

PEDRÃO - Vocês não podem acreditar nisso.

EMPRESÁRIO - Sei que isso é muito duro de aceitar senhores, mas é a realidade. Sr. Pedro Vargas, o sr. está despedido por ter traído a lealdade e a amizade dos funcionários desta empresa.



PEDRÃO - Mas isso é uma grande mentira. Amigos, Carlos, Antonio, Jorge, .... Vocês não vão fazer nada? Vão deixar que eles façam isso comigo?

Todos se retiram.

PEDRÃO - ...e foi assim que aconteceu Zé.

ANTONIO - É, e eu também recebi uma cartinha, o pior é que eles alegaram justa causa.

ZÉ - Mas vocês ainda podem apelar para a justiça de trabalho.

PEDRÃO - Isso aí é, mas até a justiça resolvê, como é que nós vamos viver? eles trancaram o nosso fundo.

ZÉ - Desculpe, pessoal, mas eu também tô numa pior.

ANTONIO - A gente sabe Zé, e cumé que tá teu filho? A Das Dô?

ZÉ - Nada bem. A Das Dô depois do parto parece que fica pior da saúde, eu até levei ela no médico. Lá do postinho.

PEDRÃO - O que foi que ele disse?

ZÉ - Mando ela cume.

PEDRÃO - E o garoto?

ZÉ - Também.

PEDRÃO - É Zé, sabe depois que vê cumé que tu tava é que eu pensei em fazê alguma coisa prá acabá com esta situação. Não, eu não tô dizendo que você é o culpado.

ZÉ - Não se preocupe, eu atendo, se não fosse por meus filho, eu talvez nem tivesse tão ruim, vocês não teriam reagido e talvez tudo tivesse bem na fábrica. Vocês tariam empregado.

ANTONIO - Ah! Não faz assim Zé, o Pedrão não quiz dizer isso, a gente tá no mesmo barco, o negócio é uni as força.

PEDRÃO - É isso aí, e quem sabe a gente vai tomá uma cerveja lá no Mané, prá esquece as magoa?

ZÉ - Ei mas com que grana?

PEDRÃO - A gente pendura, o Mané entende.



Enquanto trocam o cenário, um samba toca ao fundo.

No palco, uma mesa de bar à esquerda, e a direita o cabaré.

No bar:

GAGO - Pô cara, a-a coi-coisa não tá fácil!

ANTONIO - É mesmo. E vocês sabem da última? Tão falando em desapropriar a vila prá construir um Shopping Center.

PEDRÃO - Que! Essa não! Isso eu não deixo. (embriagado, levanta e a cadeira cai para trás)

ZÉ - Ah! Tudo bem Pedrão, tá todo mundo te ouvindo.

ANTONIO - Senta aí. O máximo que tu vai conseguir é quebra a cadeira do Mané, que tá podre.

PEDRÃO - Mas isso não é justo. Vô convocá uma assembléia.

ZÉ - Não adianta Pedrão, tá todo mundo contra ti.

BRÁULIO - Eu podia até canta prá asembléia, né? dependendo do cachê...é claro.

ZÉ - Ei! Mas olha lá quem tá chegando.

Do outro lado acendem as luzes. Entra um grupo de empresários com uma prostituta. Os empresários sentam e conversam enquanto a prostituta dirige-se à mesa do bar.

No cabaré.

AZEVEDO/ANTONIO - Vamos, sentemo-nos, este é o melhor lugar para nossa distração.

CARVALHO - Então sr. Augusto, o que nos diz? Alguma surpresa nos espera para esta noite?

AUGUSTO/PEDRÃO - Oh sim! parece que chegaram algumas francesinhas muito garbosas do centro do país.

AZEVEDO/ANTONIO - Ora, Ora! Então o nosso amigo aqui está tendo muita sorte, logo na primeira vez (referindo-se a Fernando/Zé)

No bar:

PEDRÃO - Veja só pessoal, mas que visita ilustre.

(do lado esquerdo surge a francesa que se dirige ao bar)



MADALENA - Alô.

GAGO - O-oque tu tu tá tá fazen-zen-do aqui?

MADALENA - Tô dando uma olhadinha na freguesia, ora bolas. E vocês? tão com cara de semana santa.

No cabaré:

FERNANDO/ZÉ - Por favor senhores, a semana santa está muito distante.

AZEVEDO/ANTONIO - Mas olhe. Parece que o rapaz já é experiente também neste ramo de negócio. (risos)

No bar.

PEDRÃO - Isso é que é negócio (falando à Madalena), tu é que tá certa Madalena. Se tem negócio seguro e garantido é esse de vocês. Mais vale vende o rabo de que a barriga.

MADALENA - Que que é Pedrão? tá com inveja é? (aproximando-se do Gago e de Bráulio)

GAGO - Sai prá lá Mada, que que e-eu tô tô se-sem grana. Não tenta.

BRÁULIO - Pera aí... (Madalena se aproxima dele), eu sou um artista, um cantor, tenho que preservar minha forma, as minhas cordas vocais, vocês sabem, é o peso da fama, ah!...

MADALENA - (virando-se para o Gago) Ah! qualé? só queria faze um carinho, não precisa fica nervoso.

No cabaré.

CARVALHO - (riem) Eu não disse que ele ia ficar nervoso?

FERNANDO/ZÉ - Por favor senhores, mantenham a discrição.

AUGUSTO/PEDRÃO - O que é isso sr. Fernando? descontraia, o sr. não está mais na empresa.

No bar.

ANTONIO - Sabe de uma coisa? eu tô aqui enchendo a cara, tentando esquecer os pobrema tomando uns trago e acho que isso é uma tremenda covardia.

BRÁULIO - (digavando)... e, covardia, antes era tudo melhor, o tempo da brocolândia, da pantalona, do cruzeiro...



ANTONIO - E sabe do que mais? eu vô tomá uma "atitude". Isso não pode ficá assim, eu vô tomá uma atitude.

MADALENA - Que, não me diz que ele resolveu pará de bebe.

GAGO - Que que na-nada ele vai é bebe mais a-atitude, é é o no-nome da cachaça que que ele tá tá be-be-bendo.

No cabaré.

FIFI - Ulalá, cherri, o senhoorr parresse um pocu apressadinho, heim?

CARVALHO - Olha só, a menina parece não gostar de gentilezas.

FIFI - É o cherri porrque está prreocupado. Marri está parra acalmá-lo, não se prreocupe, vou ajudá-lo.

AUGUSTO/PEDRÃO - Olha só, era isso mesmo que ele queria.

No bar.

ZÉ - Eu daria tudo prá sabê porque que eu tô nesse buraco.

MADALENA - Ora, deixe que eu resolvo o seu problema (pega da mão de zé) quem sabe a resposta não está no seu passado?

ZÉ - Olha aqui pessoal, ela sabe lê a mão.

No cabaré.

AZEVEDO/ANTONIO - Até parece que é muito difícil prever o seu futuro. Com a sorte que o sr. tem, vai morrer cercado de mulheres.

FIFI - Aqui diz que o senhoorr terrá um futurreo brrilhante, mas veja...

FERNANDO/ZÉ - Vô o que?

FIFI - Aqui na linha do amor, o sr. tem uma amor proibido. O sr. ama alguém que está preso a outra pessoa.

No bar.

GAGO - O-olha só o Zé ta-tava pulando o mu-muro e a das Dô nem sa-sabia.

BRÁULIO - Zé, toca aqui amizade (estendendo a mão), porque não me falô, ô meu, eu também sou um "amante à moda antiga", manja?

ZÉ - Que! isso daí é mentira.

MADALENA - Mas isso é de seu passado muito distante.



ZÉ - Mas eu nunca enganei a Das Dô, nunca tive outra mulher.

MADA - Das Dô é sua mulher?

ZÉ - É.

MADALENA - Eu não tô falando que tu tenha enganado ela, isso pode tê acontecido a muito tempo. Antes de tu conhecê ela.

No cabaré.

AUGUSTO/PEDRÃO - Amor proibido, heim sr. Fernando?!

CARVALHO - Olha que isso é sério.

FERNANDO/ZÉ - Eu não acredito nisso.

FIFI - Pode acreditar cherri!

FERNANDO/ZÉ - Amor proibido, eu não... eu não gosto de fazer nada de maneira incógnita, nada do que me envergonhe.

FIFI - Se não teme, então porque non permitee que eu continue?

No bar.

ANTONIO - Olha Madalena, o máximo que tu vai encontrá aí, é um passado muito negro. É que ajuntador de papel tá sempre com a mão suja.

MADALENA - Aqui diz que esta mulher era a esposa do seu patrão.

GAGO - ah, ah, ah o-olha só que saca-sacana.

BRÁULIO - ...Amada, amante (fazendo um fundo musical).

ZÉ - Essa não Madalena.

MADALENA - Acalma home, olha, aqui diz que ela ficô grávida e que tiro o filho, isso pode tê custado muito caro zé.

ZÉ - Madalena, eu já sei, tu tá gozando com a minha cara.

MADALENA - Cala a boca, meu deus!... Cruz credo!

ZÉ - que foi?

MADALENA - Vejo aqui duas morte na sua vida, Zé.

No cabaré.

AUGUSTO/PEDRÃO - Ei Fifi, veja a minha agora.

FERNANDO/ZÉ - O sr. acredita nisso?

AUGUSTO/PEDRÃO - Não é que acredite, é que assim eu posso ficar mais próximo dessa fofura. Vamos, minha francesinha?



FIFI - Calma cherri, já vou indo, vamos ver... CHERRI! você é um homem muito rico.

AUGUSTO/PEDRÃO - Acertou, e você francesinha de muita sorte. (bate na sua bunda)

FIFI - Ui! Vejo aqui que o seu futuro é de prosperidade nos negócios e poderr, como de alguém de sua família, talvez seu pai. Mas, seu temperramento justo e irriquieto o tornarrá um liderr de operarriios e vai lutar por elas.

No bar.

ANTONIO - O que? O pedrão filho de papai rico? essa não.

GAGO - A-acho que que sê furônessa Mada.

PEDRÃO - Já pensou, eu hem! Com toda aquela grana. Eu ia metê o pau nesses cara que nos exploram, conta mais, conta mais Mada.

MADALENA - Aui diz que... puxa não entendo, mas parece que seu pai sim seu pai, tem uma ligação muito grande com algum de seus amigos.

PEDRÃO - Qual?

MADA - Não sei, talvez o Zé.

ZÉ - Qualé Mada? largua o meu pé.

BRÁULIO - Vê a minha, agora, Madalena, vê se eu vô realiza meu sonho: sê parceiro do Rei, cantá no Rádio e aparecê no Chacrinha. Vê prá mim?

GAGO - Pedrão, vai vê que seu pai ho-hoje é o fio do Zé.

PEDRÃO - Não diz besteira Gago, tu tá bêbado.

GAGO - O-olha quem fa-fala, sse nem se sse aguenta em pé.

ANTONIO - Mada, lê a minha mão?

(uma música encobre o diálogo)





A cena desenvolve-se em três planos. Na favela, os moradores estão em pânico.

ETELVINA - Só temo até amanhã prá arrumá as coisa.

ZENILDA - Meu Deus, prónde que nosis vamo agora, gente?

ANTONIO - Eles não pode fazê isso com nós.

MARIA JOSÉ - Fala besteira, até que um dia Deus ouviu a gente.

TEREZA - É, já pensou, vai dá, até, prá tomá banho todos dia.

ETELVINA - Mas água e luz custa dinheiro.

GAGO - Mas e cu-cumé que a gente vai pa-pa-pagá isso?

ZÉ - Diz que é longe, e a condução?

GAGO - E po-põe longe nisso.

Em outro plano a entrevista na TV, enquanto isso ocorre os flavelados vão recolhendo suas coisas e desmanchando os barracos.

REPÓRTER DA TV - (Entrevistando o Secretário, o camera-man fazendo uma tomada)

SECRETÁRIO DE URBANISMO - ...É claro, a medida de desapropriação dos flavelados visa, sobretudo, proporcionar-lhes melhores condições de vida, habitação, saneamento básico, (água, luz, esgoto), calçamento, escolas, crechês, posto de saúde, essas coisas... Sem falar na mudança estética que teremos aqui com a implantação do Shopping, graças ao empenho de um grupo de empresários preocupados com o problema social, que aliás... bem do que eu estava falando?

REPÓRTER DA TV - Dos flavelados.

SECRETÁRIO - Ah, sim, desses... ressalta-se nessa atitude da Secretaria de Urbanismo, o atendimento a uma antiga reivindicação dos moradores dos conjuntos habitacionais mais próximos, o condomínio Viela Souto e o condomínio Canarinho de Fardão.

Em outro plano, na favela, flavelados estão reunidos.

ANTONIO - Olha, e eu acho que agente vai sê jogado lá no findão do mundo e aí eles vão esquecê de nós, isso é coisa daquele tal de secretário.

TEREZA - Mas os home falaro que lá tem...



ZENILDA - Sei não, sei não.

E TELVINA - Tem nada, Tereza, é tudo mentira deles.

PEDRÃO - Calma aí pessoal, nós temo é que exigi umas garantia, que esse lugar tenha tudo do jeito que eles prometero, senão a gente não vai e pronto.

MARIA JOSÉ - Nós temo prá onde i mesmo pessoal, vamô arruma as troxa.

ZENILDA - É isso mesmo, eles não iam fazê isso com a gente.

PEDRÃO - Acho que nosso direito tem que sê de papel passado, assinado e tudo.

SURUBA - Que que adianta Pedrão? é só eles querê e os rato vem aqui, derrubam os barracos e botam todo mundo em cana. Eu não quero rabo pro meu lado.

GAGO - T, i tu-tu tam-também co'a fi-ficha que tutu tá!

Em outro plano continua a entrevista com o secretário.

SECRETÁRIO - ...bem os projetos de construção desse núcleo ainda estão em andamento... as verbas já foram liberadas pela Cia. de Habitação, mas isso é irrelevante e secundário; o importante é que o principal já foi resolvido.

Em outro plano, o radialista.

RADIALISTA - ...e o maestro Jordão rodou prá nós "Vestido de Noiva" de Portãozinho e Tororó, e atenção, o Bailão "ESTRELA D'ALVA" convida o povo em geral, para comparecer nesse sábado na sua tradicional discoteca prá juventude, e no domingo um baita baile com a animação do conjunto "Os Touros Urbanos". Amigos ouvintes, é a ZYB 740, 10 Kwatts de potência que chega até você, com o seu programa "A voz e a vez do ouvinte", é o seu espaço, o seu direito, a sua oportunidade, se você estraviou seus documentos, está procurando emprego, quer encontrar uma namorada, escreva! Voltamos em seguida, após os comerciais, com o repórter Armando Guerra diretamente da favela, é a voz e a vez do ouvinte.

REPÓRTER DA TV - ...Caros telespectadores, a situação das dezenas



de famílias que habitam aqui na favela da Mossoroça, é dramática, todos esses moradores aqui (aponta e o câmara segue), serão transferidos para a zona extremo oeste da cidade, como vocês podem ver, há muita saudade e muita emoção, o clima é de muita expectativa; e a brigada militar já montou um esquema "especial" para a remo... quer dizer, a transferência dos flavelados...

No plano 1, palco, acontece ameaça e coação física por parte dos policiais em cima dos flavelados.

REPÓRTER RÁDIO - E daqui fala o seu amigo Armando Guerra, investigando a carta-denúncia que recebemos do sr. José da Silva, e tudo ocorre na maior tranquilidade, graças ao prestimoso auxílio do comandante Justiniano:

JUSTINIANO - Realmente, a nossa corporação fica feliz em colaborar com a comunidade, e realmente, afinal de contas, realmente é o nosso dever.

REPÓRTER DA TV - ...Agora então, entrevistaremos alguns moradores da favela, (moradores se aglutinam em torno da TV), dá licença, sai, ... dá licença.

BRÁULIO CARMOS - Ei bicho, vieram me entrevistá, não é um barato? "Meus amores da televisão, fantasias do meu coração".

MARIA JOSÉ - Meu Deus, como é que eu tô? (se ajeitando)

ZENILDA - Se eu sobesse eu tinha ido no instituti.

EPELVINA - Eu tô horrível, nós vamo saí na TV mesmo moça?

REPÓRTER DA TV - A sra. aqui, é, a sra. mesmo, por favor!

ZENILDA - Bão, eu quiria aproveitá a fala, prá perguntá prá vocês da televisão, se nós vamo tê tudo o que prometero, essas tal de infra-estrututa, água-sanidade...

REPÓRTER DA TV - (ignorando-a) Bem, bem, e essa menininha aqui?

CRIANÇA - Moça, é verdade que lá tem iscola, com sopa de merenda? com tutano e tudo?

EPELVINA - (se intrometendo) Vai tê vaga prô Claudim?

REPÓRTER DA TV - ... Ok, ok, agora vamos falar com essa sra.



parece bastante comunicativa, seu nome?

DAS DÔ - Maria das Dores da Silva.

REPÓRTER DA TV - O que a sra. acha, Dna. Maria, do atual contexto da favela Mossoroça?

DAS DÔ - Bão...

REPÓRTER DA TV - Como podemos ver, a sua emoção é muito grande, como a de todos os flavelados, na esperança de dias melhores... Campanha esporte é saúde, dê uma bola para seu filho e faça uma criança feliz, vista esta camisa AYDS, você precisa saber evitar, o mundo trata melhor quem tem dinheiro para se vestir bem, confecções Merci Cardon, um conjunto alto esporte em tom pastel; e para o homem que sabe que quer, Cigarros Capital, um prazer estatal e multinacional. (No palco acontece a ação física, com dois manequins desfilando e fazendo as propagandas acontecerem)

REPÓRTER RÁDIO - E aqui estamos com o autor da carta-denúncia, o sr. José da Silva, morador da favela há muitos anos, e sustenta a sua família revendendo papelão. José, qual a situação da favela hoje?

ZÉ - Tá braba, o pessoal tá meio arisco, os macaco andaro dando pau no pessoal, nós nem sabemo nem pronde vamo e cada um diz uma coisa.

PEDRÃO - Dá licença (se achegando ao microfone) eu quiria dá uma palavrinha em nome do pessoal da vila. (tomando o microfone das mãos do repórter). O negócio é o seguinte, nós tivemo lá, e não vimo casa, nem escola, nem nada, só lixo, eles pensam que a gente é bicho! será que eles nunca pararo prá pensá? até bicho come, até bicho tem onde morá! E nós cumé que fica, passando fome na arage, com muié e fio prá criá? quem são essas autoridade? que não ouve e não quiere vê, que veem a miséria e perfere isquece? quem são esses homi da justiça, que rezam e vão à missa, que se cagam na priquiça, vendo o trabaiadô virá carniça, por não tê onde trabaiá. Quem são esses homi?



REPÓRTER RÁDIO - E ficou aqui o apelo dramático do sr. Ped... Oh, que pena, o microfone estava desligado, alô, alô, central, é tudo com você.

RADIALISTA - Ok, muito obrigado Armando Guerra, vamos encerrando esse programa, mandando um abraço prá essa gente bacana, pessoal da vila das Raposas, Vila Jurema, para Dna. Ziza, Seu Artur, Marli, Ambrósio, Ivanir, Cumpadre Terésio, ao Chicão e meus amigos taxistas da parada 76. É o programa "A vez e a voz do ouvinte" com um patrocínio: "Caninha Ao Nicolau", aquela que serve prá levantar a moral", "Café Chinelô", um passo prá você por os pés no chão, e se você quizer ver carne, vá ao Açougue Esperança, Rua das Ilusões, s/nº; Um dia nos encontraremos, que na tristeza desse dia possa nascer amizade eterna, Casa de Pompas Fúnebres Sonho Sem Fim, 24 hs á sua espera, esperamos a sua visita, até breve!



No baile de carnaval, em 1908, os amantes.

FERNANDO - Por favor, por favor não fuja não fuja de mim.

ESPOSA - Deixe-me por favor.

FERNANDO - Mas o que está acontecendo com você? Eu estou tentando falar com você a dias e vocês só tem me evitado.

ESPOSA - É, está na hora de você saber, é melhor nos separarmos antes que as coisas compliquem mais.

FERNANDO - Ma complicar o que? Porque não fugimos, logo você não ama Capdelupi, é inútil alimentar esta fidelidade.

ESPOSA - Você não compreende, ele me ama, precisa de mim.

FERNANDO - Ele não precisa de ninguém, eu preciso de você.

ESPOSA - Me larga.

FERNANDO - É pelo dinheiro que você quer ficar não é? Sua cadela (a empurra) vá então, me deixe.

ESPOSA - É isso mesmo. Quem você pensa que é seu funcionariozinho de meia tijela, você jamais poderia me oferecer o conforto que ele me oferece.

FERNANDO - Por favor, por favor, não me deixe, eu tenho umas economias, e eu posso lhe dar todo o conforto que quiser.

ESPOSA - Me largue, eu já disse, pelos menos seja homem, pare com isso.

FERNANDO - Eu mato você.

ESPOSA - Você já matou.

FERNANDO - Porque está dizendo isso?

ESPOSA - Nada.

FERNANDO - Nada não, diga-me, diga-me.

ESPOSA - Eu tinha aqui dentro, bem aqui um filho, um filho que eu nunca quiz e que você me deixou.

FERNANDO - Um filho, por que não me disse?

ESPOSA - Ora, cale a bouca, você acha que eu ia querer um filho seu? nunca, eu tirei ele, tirei como quero tirar você de mim.

FERNANDO - Mas você não pode, não é você, não pode tirar todos os



filhos que quizer, tudo que me lembra, mas eu continuo aí dentro de você e sempre estarei, porque você não me falou desse filho?

ESPOSA - Meu Deus, tudo isso é uma loucura, não podemos, não podemos.

FERNANDO - Podemos sim, podemos.

ESPOSA - Não (grita) não podemos, agora não, ele me tem e aquele filho não era dele, eu não podia, ele... será que você não entende?

FERNANDO - Eu entendo sim, não estou... só quero que fique ao meu lado.

ESPOSA - Vá embora, por favor, vá embora.

FERNANDO - Eu irei, mas continuarei lhe procurando, você não me esquecerá.



No depósito de lixo, nova residência dos favelados da Mos-  
soroca.

ZENILDA - Deus do céu comadre, que nós vamo faze? Não chora crian-  
ça.

DAS DÔ - E o Zé que não chega.

SURUBA - Porque que ele chora tanto heim?

ETELVINA - Ora seu vagabundo, se não tá vendo que a criança tá do-  
ente.

MARIA JOSÉ - Comadre não é melhor chamá o médico?

SURUBA - Eu não sei de médico, mas tem uma rezadeira...

ETELVINA - Cala a boca vagabundo, sê não sabe nada.

DAS DÔ - Meu Deus, e o Zé que não chega.

SURUBA - Eu já sei vô até a casa da dona Soraia.

ETELVINA - Pra que?

SURUBA - Ela tem umas fruta, eu vi na dispensa dela, quem sabe is-  
so não vai ajudá que o menino melhora.

ETELVINA - Vai logo home.

MARIA JOSÉ - E eu vô procurá o Zé, talvez ele teje precisando de  
ajuda.

ZENILDA - Isso, não perde tempo, senta aqui comadre.

DAS DÔ - Não posso, ele não para de chorar, ai meu Deus!

ZENILDA - Calma, tudo há de melhorá.

DAS DÔ - Parece que tudo tá desmoronando na nossa cabeça. O Zé de-  
sempregado, agora esse supermercado que tão querendo fazê, tiraram  
nós de lá, prá trazê prá cá, cadê a água, a luiz, as iscola, as  
creche e as...

ETELVINA - Calma comadre, a vida da gente é assim mesmo, mas tudo  
há de melhorá.

DAS DÔ - Mas e o Zé?

ZENILDA - Vai vê ele tá conseguindo um emprego, vai vê é isso.

No edifício, Zé ameaça se atingar.

ZÉ - Eu quero um emprego, um emprego.





REPÓRTER - Parece inacreditável senhoras e senhores, são dez horas da noite e o nosso espetacular suicida continua decidido a conseguir seu intento. Todos os esforços...

MALANDRO - Bá, já estamos aqui faz um tempão ouvindo esse tagarela e ele não tomou nenhuma atitude.

CAPITALISTA - Isso é uma falta de responsabilidade. Nos faz ficar aqui dizendo que vai se suicidar e no entanto não passa de um mentiroso. Eu vou processá-lo por isso.

ZÉ - Vocês não entendem eu só quero um emprego.

MORALISTA - Por favor Zé, tenha calma.

ESPORTISTA - Olha só o miado do rapaz, seja mais homem rapaz, porque não se atira de uma vez?

VENDEDOR 2 - É, eu já estou empacientado por sua causa, gastei o meu dinheiro na compra dessa luneta.

VENDEDOR 1 - Não, não, espera só um pouquinho, eu apostei que você se atiraria as 10:15 em ponto.

VENDEDOR 3 - Ah, por mim pode se atirar, eu já vendi todas as almofadas mesmo.

MALANDRO - Como é, ô frango metido a galo, quando é que tu vai despencar?

ZÉ - Eu quero um emprego, porque vocês não me ouvem?

CAPITALISTA - Vamos lá pessoal, vamos acabar logo com isso, vamos decidir por ele... Se atira, se atira, se atira...

ZÉ - É isso que vocês querem, pois então... AAAAAAAHHHHHHHHH...

(Segue-se ao grito do Zé um baque de um corpo caindo ao chão)

Apagam-se todas as luzes, e acendem as do palco, onde está Das Dô, quieta no fundo do palco, sentada, calada.

ZENILDA - Tomara que a Carlota não apareça aqui, eu não suporto aquela jararaca.

ETELVINA - Do jeito que ela é incherida, já deve tá vindo prá cá.

ZENILDA - Se ela botar os pé aqui eu arranco os cabelo dela.



ETELVINA - E agora comadre? e esse supermercado que vão construí?

ZENILDA - Eu só sei que tá todo mundo num desesperamento danado, danado, ninguém sabe o que fazê.

SURUBA - (Entrando) Olhe, olhe aqui o que eu consegui.

ETELVINA - Oh, quantas frutas, comadre olha aqui, (se dirigindo à Das Dô, onde está com... Ah, está aqui, olhe comadre), frutas frescas, fresquinhas. Foi o Fungêncio que trouxe. Ah, o pequeninho já dormiu, coitadinho, pegue comadre, deixe que eu agarro ele um pouquinho. Vem cá vem...

O bebê está morto, Das Dô vem a frente e canta a "Cantiga prá Acordar".

I cabô a peça.

Mais o chôu continua...



## TRA-BA-LHAN-DO

Risco e ronco  
 Fuga e fome  
 Risco e ronco  
 Fuga e fome  
 Risco e ronco  
 Fuga e fome

Tô tragando na patente  
 Mas tem home prá cuida

Tá na hora...

Tá na hora...

O relógio mostra os dente  
 Avisa que é prá voltá

Tic 5

Tac 4

Tic 3

Tac 2

Tic 1

Tac Zero

Tra-ba-lhan-do

Tra-ba-lhan-do

Tra-ba-lhan-do Risco e ronco

Tra-ba-lhando Fuga e fome

Tra-ba-lhando Tá na hora

Olha a boca prá cume

Olha o braço prá força

Olha a boca prá gritá

Olha o braço prá quebrá

Olha a fome

(Olha a fome)

Olha os home

(Olha os home)

Tra-ba-lhan-do

Tra-bo-lhan-do

Tra-ba-lhan-do...



## PAPELEIRO

Olhei pros garoto  
 E prá nega, ali no chão  
 Não chorei  
 Pareciam sonhar  
 Com arroz e feijão  
 Na rua meu dia  
 Sei de cór  
 Em casa, o choro do menor  
 A vida tem dessas razão  
 Parti com a carreta  
 E o maltratado chapéu  
 Serenei, dia bom para recolher o papel  
 Nas costas,  
 A fome corre Atrás  
 Na frente,  
 O futuro não desfaz  
 O medo dessa escravidão  
 A desilusão, um samba-canção  
 Que não vamos cantar  
 Como então encarar  
 O amigo do bar?  
 Sem dinheiro  
 Em casa chegar  
 Rogo a quem pode ter | Cumpra o seu papel  
 Papel para mim vender | Meu sangue não compra o céu  
 Desse lixo eu como | Desse lixo me salva  
 Permite meus filhos a viver  
 Quem me empurra à sorte  
 Dita a minha morte  
 Não quero voar para o chão  
 Por favor,  
 Tenha coração



## CANÇÃO DE ACORDAR



A | Fio óia a minhas mão  
 É coisa que engorda,  
 Acorda, acorda, acorda, acorda  
 Fio meu

Se o karma é direito  
 Deus então é perfeito  
 E sabe escrevê,  
 Mas se a linha tá torta  
 Não me façam de porta  
 Para a dor de quem vem

B | Fio óia minhas mão  
 Nelas a vida é certa  
 Desperta, desperta, desperta, desperta

Óia bem o coração  
 Do teu fio já não bate não  
 Rebento torto, agora morto  
 Quem vai te acalantar?

C | Os homi diz que sim  
 Diz que a fome é coisa de bom fim  
 Quem nasce torto, mesmo morto  
 Não deve atrapaiá

A | \_\_\_\_\_  
 Quem arranca esse filho  
 Quem mata esse brilho  
 De ventre no olhar  
 São aqueles que comem  
 E se vestem de homem  
 E que fingem te amar

B | \_\_\_\_\_  
 C | \_\_\_\_\_

Diz que não  
 Morreu, nasceu  
 Noutra dimensão





Os atores recepcionam o público, até que...

ZÉ - Ei, ei, vocês aí, eu vou me atirar...

TRANSEUNTE 1 - Olha lá, olha lá.

TRANSEUNTE 2 - Olhe aquele homem.

TRANSEUNTE 3 - Meu Deus! o que ele vai fazer?

TRANSEUNTE 4 - Corra, vá chamar socorro.

TRANSEUNTE 1 - Chame os bombeiros.

Todos atores tentam acalmar o público e fazem-os sentar.

ZÉ - Eu vou me atirar.

MORALISTA - Não faça isso, por favor.

ZÉ - Eu vou sim, vocês aí em baixo, é isso que vocês querem? pois olhem.

ATORES - Não.

CAPITALISTA - Por favor, meu senhor, não faça isso, há crianças aqui em baixo.

ZÉ - Dane-se, porque vocês vem me dizer isso agora? meu filho também é criança e também está morrendo. Porque vocês não pensaram nele antes, e porque acham que eu tenho que pensar.

MALANDRO - Pô cara, deixa de bancar o palhaço.

ESPORTISTA - Por favor, isso não vai levar a nada, você só está criando problemas.

ZÉ - Vocês é que vivem criando problemas, eu só saio daqui se vocês me darem um emprego. Me ouviram? um emprego.

MALANDRO - O cara é tá é maluco, ninguém vai te dá emprego, desce daí.

CAPITALISTA - Por favor, seja snesato, ninguém pode lhe empregar

ZÉ - Por que, diga porque, eu sou forte, posso trabalhar.

CAPITALISTA - Imagine só se todos os desempregados resolvessem se empuleirar nos edifícios para pedir emprego, não haveria prédios suficientes, o sr. está quebrando a ordem natural das coisas.



VENDEDOR 1 - Olha, é binóculo e lunetas para ver o Cometa Suicídio, compre dois e leve três para a família toda.

ZÉ - Eu sei, eu sei, o Pedrão me disse, ele me conta, com muita gente desempregada, vocês pagam o salário que querem, se não me derem um emprego eu me atiro...

ATORES - Não.

VENDEDOR 2 - Façam suas apostas, façam suas apostas, quanto tempo ele levará para se atirar, prêmio por aproximação.

ESPORTISTA - Seja razoável, o sr. está pedindo o absurdo, madame com licença (sai correndo)

MADAME - Veja, veja, está chegando o socorro.

GUARDA - Ei cocê aí em cima, você está infringindo a lei número 3756496746466 do parágrafo terceiro do capítulo oitavo do código municipal de perturbação da ordem.

ZÉ - Eu vou me atirar.

ATORES - Não.

VENDEDOR 3 - Vendo almofadas para assistir o grande espetáculo, o homem contra o sistema, em única apresentação.

ORIZINO - Com licença, sou da Comissão de Auxílio aos Suicidas, por favor meu jovem, por que se suicidar?

ZÉ - Eu quero emprego!

ORIZINO - Quer um emprego? um momentinho (pega uma caderneta de anotações e começa a tomar os dados de Zé) altura? 1,78, peso? 64 Kg, pretende se jogar de frente ou de costas? (fica fazendo cálculos). A julgar pelos cálculos, e pela velocidade dos ventos e condições climáticas, o sr. está com sorte, este é um dia excelente para se praticar um suicídio.

REPORTER (chega a TV) - Vocês podem notar, senhores e senhoras espectadores, que a tensão é muito grande. Estamos aqui na Rua 33 onde dentro de instantes iremos presenciar um espetacular acontecimento: um homem quer se atirar do alto deste prédio, é isso mes-



mo, não é golpe publicitário, a situação é dramática, vamos conversar com uma senhora aqui:

MADAME - Bem, eu estava de passagem com o meu cachorrinho Frufu, quando ouvimos gritos, a sra. não conhece o Frufu? a semana passada eu levei ele ao cabeleireiro, a sra. não leva seu cachorrinho ao cabeleireiro? eles são ótimos, a sra. precisa ver, até no secador ele fica quietinho.

Mas espere, espere, onde está o Frufu? Meu Deus, Frufu. (desmaia, enquanto alguns começam a procurar o cachorrinho).

REPORTER - Vocês podem notar, senhores e senhoras telespectadores, que todos aqui estão angustiados e nervosos com esta situação dramática, mas ora, ora, quem vemos aqui? é o sr. Orizino, diretor municipal da Comissão de Auxílio aos Suicidas, sr. Orizino, como o sr. pretende auxiliar esse pobre coitado?

ORIZINO - Assim (toca um tarol).

Todos falam ao mesmo tempo, até que o tumulto atinge auge. Até que um grita.

MORALISTA - Calem a boca, idiotas, então tem um homem que quer tirar sua própria vida, e vocês ficam se divertindo, vamos olhar para nós mesmos. Enquanto um homem está desesperado, nós nos preocupamos em tirar proveito disso. Vamos deixar ele se suicidar, apenas para encher nossos bolsos? Vamos ouvir o que ele tem para falar. Calem a boca, (grita e vira-se para o suicida), por favor, acalme-se meu amigo, nós entendemos o seu problema, quem sabe a gente conversa um pouco, só para nos conhecermos melhor.

ZÉ - Eu não quero conversa, eu quero um emprego.

MORALISTA - Tudo bem, nós vamos providenciar, veja, você está cercado de amigos.

ZÉ - Mentira, são carniceiros.

MORALISTA - Todos estão interessados em ouvir a sua história.





que não a conta prá nós.

ZÉ - Eu não quero contar nada.

MORALISTA - Vamos, todos querem ouvi-lo, todos estão aqui para isso, vamos sentar, pessoal!

MALANDRO - Essa não, contá história? eu vim aqui prá vê suicídio.

MORALISTA - Todos sentados. Pode falar meu amigo.

ZÉ - Bem, o que é que tu quer saber?

MORALISTA - Fale no que dar vontade, de onde você veio, para onde você vai, para onde vai essa situação.

ZÉ - Bem, nasci e vivo (ou vivia) até hoje na favela da Messuroca, vocês devem saber onde fica, nós temo até um bloco burlesco, ele tirô até o 2º lugar, no carnaval do ano passado. Eu tenho muitos amigos por lá: o Bráulio, o Gago, o Suruba, o Antônio, o Pedrão, vocês desgraçaram a vida deles, até meu filho, é por isso que quero um emprego, prá não acabá que nem eles, prá salvá o meu filho que não tem o que camê e a Das dô, a coitada... Meu Deus... eu ajunto papel prá vendê moço, tô desempregado, me viro do jeito que dá, todo dia de manhazinha acordo cedo prá ajuntá papel nas lojas, olho os fio e a Das dô, no chão dormindo não tenho corage de acordá eles, dormindo eles não sente fome, e eu tô cansado de vê neg-tira virá verdade e verdade virá passado, num creditem em Deus nem em Diabo. Nem em arcanjo que toca banjo, nem inferno que aguentar no inverno, eu sou massa que se amassa, e que não come, passa fome não sou orgulhoso, nem leproso, prefiro trabalha do que chorá esmola, eu me esmero e sou sincero, comu é que vão me dá trabalho não me dero nem escola? eu não sei se é a vida que chora ou se é o choro que vive, se o mal que canta, ou se é o canto que mata. eu sou homem, não sou barata, quero sé livre e não tô sendo, quero um abrigo, um amigo que me oiça, antes de mi ignorá, não quero morré na tranquilidade, se morrer será lutando e gritando liberdade: mas eu não quero morrer... (os outros vão lá fora)

então encarar o amigo do bar, sem dinheiro em casa chegar...(Música Papeleiro)



SURUBA - Que qui foi agora, pô?

GAGO - Mú-música, eu conheço... de ouvi-vi-do, deixa eu vê, essa ca-ca-caixi-xinha de fósforo. Eu sa-sabia, tá,tát,tá desafi-fi-na-da. (gargalhadas e assovios, reiniciando o samba e tom mais baixo).

No outro extremo do palco, surgem duas comadres caminhando, touxa sob as cabeças, sobem o morro.

ETELVINA - ...aí a nega pegô as cria, e deitô as gadeia.

MARIA JOSÉ - Cadela! home meu é que eu não deixo fazê isso.

ETELVINA - Comade Maria, o que tem de homi safado aí, tá assim ó!

Na roda de samba:

SURUBA - ...que tem tem, mas muler é com o papai aqui ó! Não tem nega difícil, o que temé nega mal cantada.

SURUBA - Esses dia, eu tava fazendo uns jogo pro pessoal lá da metalúrgica, lá no portão, aí chegô uma dona, toda, assim, sabe, numa presença, grã-fã mesmo, e eu ali, so cubando a madame. (continua a gesticular como se estivesse falando).

MARIA JOSÉ - ...Qué dizê então aquele desgramado largô a coitada da Tereza, com tudo aquilo de filho prá criá.

ETELVINA - Também, casá com um homem daqueles, Deus me livre!

MARIA JOSÉ - E ela? tá trabalhando na fábrica inda?

ETELVINA - Não, saiu, botaram ela prá fora, só porque ela faltô um dia prá cuidá o menorzinho que tava com febrão. A Tereza tá pegando faxina agora, diz até que dá mais.

MARIA JOSÉ - Sei não, Telvina, essas muler dos condomínio, são tudo metida à rica, mas não assinam carteira nem nada, tão sempre descunfiando que a gente vai robá elas, ... querem tudo brilhando, ha, ha, ha!

ETELVINA - Que qui foi?

MARIA JOSÉ - É qui eu mi alembrei duma patroa qui eu tinha, ela não teve filho, mas em compensação eu tinha que levá os cachorro dela prá tudo que é lugar: boutique de cachorro, no banheiro, tinha que



prepará a comida; era uns dengue práqueles bicho que só vendo...

ETELVINA - ...Enquanto a gente dá um duro danado, com um mundaréu de filho prá criá.

MARIA JOSÉ - Ei tá ouvindo esse barulho?

ETELVINA - Só pode sê eles fazendo samba por aí, ô raça ruim. Falá nisso vamô lá que eu tenho que buscá o Fungêncio.

GAGO - (indagando Suruba/Fugêncio) E de-deu sorte?

ETELVINA - (respondendo à Ma. José) ...O Fugêncio? sorte nada, aquilo é vagabundo que nem sei.

Na roda de samba:

SURUBA - ...simplesmente ela jogô no bicho. Cês acreditam? a madame jogô no bicho, na cobra, 50 pau na cabeça.

ETELVINA - (junto com Maria José se aproximando da roda de samba)  
Ôooo Funngêenciiooooo!

GAGO - E-E ela ti-tirô no bicho?

PEDRÃO - Se a cobra ganhô, eu não sei, mas que ela vai fumá, vai...

ETELVINA - (gritando no portão) Ôooooo Fuungêenciiooo.

SURUBA - Ah, ah, ...é minha nega, dá licença, tá meio tarde, eu, ha, ha.

ETELVINA - Vamô prá casa, ta na hora.

SURUBA - Pssiuuu! fala baixo, fala baixo.

ETELVINA - Tu vem ou eu vô tê que te buscá?

SURUBA - ... não, não, já vô, já vô, carma! (risos e brincadeiras)



Em 1908. Na residência do Sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Isso é um absurdo, absurdo, apenas algumas horas na cidade e é assim que vocês me recebem.

AUGUSTO - Papai, calme-se.

CAPDELUPI - Acalmar-me, acalmar-me como posso? eu me sinto culpado de ter deixado a fábrica nas mãos desses idiotas.

ESPOSA - Querido, o jantar, posso mandar servir?

CAPDELUPI - Sim, sim (impaciente).

AUGUSTO - Nós fizemos o que foi possível.

CAPDELUPI - Mentira, o possível só é feito quando episódios como este não terminam em consequências tão catastróficas, irresponsabilidade. Sr. Mateus?

MATEUS - Sim, (aproxima-se o assessor, nervoso).

CAPDELUPI - O senhor não é responsável, encarregado pela supervisão geral da Fábrica?

MATEUS - Sim senhor.

CAPDELUPI - O senhor por acaso tinha idéia dos custos que oneramos os nossos cofres pela aquisição daquela desfiadeira?

MATEUS - Sim senhor.

CAPDELUPI - O senhor tem idéia das dificuldades que sofremos para a aquisição de materiais como este?

MATEUS - Bem...

CAPDELUPI - O senhor por acaso tem idéia de quanto custam aquelas engrenagens no mercado internacional?

MATEUS - Faço cálculo, senhor.

CAPDELUPI - Faz cálculo? ha? quer dizer que sabe fazer cálculos? mas cuidado para não exagerar, pois se sua cabeça for do tamanho de suas responsabilidade vai estourar como a desfiadeira, onde o sr. estava quando aconteceu a catástrofe?

MATEUS - Bem, eu...

CAPDELUPI - Não precisa responder, não precisa responder, não precisa



minha presença, suma daqui, suma deste país, pois se eu o encontrá-lo novamente, eu estouro o que lhe resta de útil desta cabeça. (sai o assessor humilhado) Idiotas, idiotas (resmungando), Fernando, você irá até o Rio Grande, faremos uma nova encomenda de peças, para substituir as quebradas.

FERNANDO - Mas não é preciso, a Cia Telefônica Rio-Grandense já está instalada, podemos fazer ligações diretas.

CAPDELUPI - Ora viva, até que enfim, boas notícias, vamos, vamos, não perca tempo, vá telefonar.

FERNANDO - S-im senhor,

CAPDELUPI - Isso realmente me tranquiliza. O progresso vai facilitar em muito os negócios, Carvalho, venha cá!

CARVALHO - Sim senhor, sr.Capdelupi.

CAPDELUPI - Por favor, conte-me o que aconteceu.

CARVALHO - Bom senhor, eu estava na fábrica fazendo, como todos os meses uma visita de inspeção, os operários trabalhavam normalmente.

Poesia simbolista (vide suplemento 1)

Auto-falante e sirene comunicando uma reunião.

AUTO-FALANTE - Dirijam-se ao refeitório, dirijam-se ao refeitório. (os operários se reúnem perfilados).

MATEUS - Muito bem, muito bem, muito bem, todos alinhadinhos he, he, todos arrumadinhos, silêncio! está presente hoje em nossas instalações, para a inspeção mensal na fábrica, o sr.Carvalho Sampaio, administrador geral dos empreendimentos Capdelupi.Vamos nos preparar para recebê-lo. Ele deve estar agora, dirigindo-se para cá, vamos recebê-los com a nossa educação e com o nosso entusiasmo característico. Ele deve estar contente com o aumento de produção desse mês. E creio que nos dará uma re...ra, oh, Sampaio, que prazer (chega o administrador).

MATEUS - Em nome dos nossos operários, queremos manifestar a nossa



felicidade para que possamos mostrar a nossa humildade e a nossa obediência servil.

CARVALHO - Ora, ora, muito obrigado Sr. Mateus, obrigado, queridos servidores, obrigado à todos. Devo confessar, que apesar dessa tarefa árdua e deste fardo que me exaure as forças, desta via crucis cheia de espinhos e obrigações, não vacilo um só minuto e derramarei meu sangue se for preciso, para manter esta fábrica com a cabeça erguida com a honra de ser a primeira em preservar os direitos humanos (todos aplaudem) mesmo que isso signifique sacrificar o lucro deste empreendimento.

EMPRESÁRIOS - O que? Carvalho?

CARVALHO - Quer dizer... quer dizer, é só para impressioná-los.

EMPRESÁRIOS - AAAAHHHHH!

MATEUS - Muito bem, muito bem

(dois funcionários se surram)

FUNCIONÁRIO 1 - O que foi que ele disse?

FUNCIONÁRIO 2 - Ah, sei lá. Mas é bom a gente fazê o que les diz, que assim a gente não trabalha.

CARVALHO - Pois bem, para provar a caridade, a bondade, a benevolência e o espírito cristão dos administradores desta empresa (pisca para os administradores) pelo aumento de 25% da produção desse mês, preparamos um banquete para todos.

OPERÁRIOS - EEEEEEEEEEE! (operários gritam e se abraçam, comemorando)

(enquanto isso ocorre, o assessor traz o "banquete")

CARVALHO - Não se esqueçam jamais deste momento, sei das dificuldades que todos passam nas suas residências, nós administradores, não estamos insensíveis aos problemas dos senhores, mas devemos lembrar que aqui na empresa todos tem o apoio de todos, e isso é o mais importante; amizade acima de tudo.

Enquanto falam os pratos são distribuídos, a cada um dos



operários é entregue um pedaço de miolo de pão, um punhado de farinha, e passado como forma de tortura, uma coxa de galinha.

CARVALHO - Jamais se esqueçam deste momento, falem para seus parentes, para seus vizinhos, de como as indústrias Capdelupi tratam seus funcionários. (Fala enquanto a comida é distribuída).

A coxa de galinha é puxada por uma cordinha, e de repente acontece o tumulto, pois todos querem comer a coxa. O administrador se desespera.

ADMINISTRADOR - Parem com isso, parem com isso, lembrem-se do nosso lema, amizade acima de tudo. (o tumulto é tamanho que uma das ferramentas cai na máquina e a desfiadeira explode).

CARVALHO - ...E foi assim que a coisa aconteceu, sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Como? assim que aconteceu? o sr. não havia não falado nestas despesas extras do banquete, nem desse intervalo no trabalho.

CARVALHO - Não se preocupe, o intervalo e o banquete serão descontados, no salário dos operários como "despesas diversas".

CAPDELUPI - Bem pensado, muito bem pensado. Então sentemo-nos, pois que a viagem foi muito cansativa e eu necessito descansar, essa estrada está cada vez pior, ainda bem que fiquei sabendo de projetos do governo visando estender estradas de ferro por todo o estado. Meus amigos, peço-lhes por esse imprevisto, mas o mundo de negócios é assim mesmo, com muitas surpresas, nas suas maiorias, grandes decepções.

SERRA - Não se importe conosco, sr. Capdelupi, compreendemos muito bem a situação. Mas o sr. está cansado, não quer deixar essa conversa para amanhã.

CAPDELUPI - Oh, não, não, neste corpo ainda há saúde para dar a volta ao mundo (todos riem acompanhando as risadas do negociante). Ainda, além do mais estou ansioso para tomar ciência das novidades, estive muito tempo afastado, preciso me situar no tempo.





SERRA - Existem muitas novidades, a administração do sr. entendente, Cipriano Barcellos, tem sido muito dinâmica, além da instalação da Cia Telefônica, finalmente, iniciou-se a construção do Cais sendo que o meu sobrinho aqui, participou da elaboração do projeto.

CAPDELUPI - Ora, ora, isso me alegra muito, e como andam as obras, meu jovem sobrinho?

SOBRINHO - Eu estou afastado do trabalho. Apenas colaborei com o Sr. Costa Leite e o Sr. Alves Ramos, os projetistas, por pouco tempo, mas pelo que me consta as obras do lado da estação fluvial estão quase prontas escolheu-se antecipar estas às obras do ramal com o fim de obter-se pronta serventia, principalmente para navios de barra-fora.

CAPDELUPI - O último (diz o empresário, recebendo a bebida do filho)

SERRA - Mas e o sr. o que nos conta de novidade do centro do país?

Entra na sala a esposa do empresário.

CAPDELUPI - Aproxime-se querida, o sr. Serra e o seu sobrinho estão me contando novidades. Por favor vamos nos sentar. Quanto à sua pergunta, posso lhe assegurar que o centro do país apresenta uma preocupação generalizada com a saúde de Afonso Pena e também com a concorrência das indústrias em relação ao café, sem falar...

ESPOSA - Por favor, desculpe-me, não quero atrapalhar a conversa, e creio que se os senhores demorarem muito, o jantar vai esfriar.

CAPDELUPI - Claro, claro, já estamos indo querida, vamos, vamos senhores continuaremos a conversa à mesa. Mas antes (silêncio) venham, aproximem-se, como uma família temente aos valores cristãos, certo da responsabilidade que Deus nos incumbiu, a responsabilidade de guiar as ovelhas perdidas através do trabalho e da fé. Vamos fazer nossa oração. Quem quer fazer a prece?

TODOS - Ele (mas apontam para os outros)



CAPDELUPI - Muito bem, o sobrinho do sr. Serra, fará a prece.

SOBRINHO - Serve um Pai-Nosso?

CAPDELUPI - Não, o sr. não está inspirado, deixa que eu faço.

Excelentíssimo pai das alteras, mui respeitosamente vimos por meio desta, rogar bençãos na refeição de hoje, bem como auxílio na obtenção dos lucros diários, que hajam cada vez mais empregados, e menores salários para que colhamos o fruto do esforço coletivo, a bendita e santificada Mais Valia. Seja nossa aplicação o progresso, e o progresso o nosso retorno, permite, senhor que eu explore o quanto possa explorar e que eu tenha a dádiva de meu sonho realizada: ha, ha, he, he, tal qual um humilde pastor conduzindo suas ovelhas, no caminho da redenção, livres dos pecados do mundo e crentes de sua fé, paguem pelo bálsamos do trabalho que eu lhes propicio no meu desinteressado altruísmo. Cientes de vossa atenção, atenciosamente, agradecemos o que nos apresenta. Amém.

Todos saem para a sala de jantar, continuando a conversa ficam ali Fernando e a esposa do empresário.

FERNANDO - Porque você não foi ontem? (baixinho, segredando)

ESPOSA - Ele está para chegar.

FERNANDO - Você sabia que ele só poderia chegar hoje!

ESPOSA - Eu não posso me arriscar.

FERNANDO - Você vem me evitando porque?

ESPOSA - Fale baixo.

FERNANDO - Se você não for hoje, eu contarei a ele.

ESPOSA - Não faça isso, estragaria tudo. Ele acabaria nos matando.

FERNANDO - Se você não for, eu, eu

ESPOSA - Largue de meu braço, não me agarre.



As comadres de Das dô, a trazem inconsciente nos braços, local:  
Barracão na Favela.

ETELVINA - Agarra aqui, ajuda aqui, comadre,

ZENILDA - Calma aí, dá licença?

MARIA - Desafasta, deixa elea tomá um ar, que a coitada desmaiô.

GAGO - Que que qui-qui aconteceu, heim?

ZENILDA - Aventa um pouco, Etelvina.

TEREZA - Cumé qui foi acontecê isso?

ZENILDA - Acho qui foi da fraqueza.

MARIA JOSÉ - Tereza, me arruma umas cidrera, prá eu fazê um chá  
prá Das Dô.

Dna.EUZÉBIA - Bota ela aqui (No barraco)

MARIA JOSÉ - De que feito foi?

ZENILDA - Ela táva na fila do Inamps, já fazia treis dia...

Dna.EUZÉBIA - I tratam a gente mal que nem sei, si a gente não re-  
clamasse deixavam a Das dô lá istendida e ninguém dava bola.

GAGO - Se-se-rá alguma co-coisa que que ela comeu?

MARIA JOSÉ - Que nada, pelo que sei, a coisa tá tão braba, que ela  
faz bem uns dois dia não come nada.

ETELVINA - Então ela deve de tá doente!

ZENILDA - Será que ela tá?...

Dna.EUZÉBIA - Será?

TEREZA - Iiii, un sei não, mas tá parecendo.

MARIA JOSÉ - Das Dô... até que infim (Das Dô voltando a si)

DAS DÔ - (Voltando a si) ... o que que foi? tô meio enjoada, me deu  
umas tontura e eu caí.

ZENILDA - Num disse?

ETELVINA - Porque tu não falô muié, que tu vai fazê agora?

TEREZA - Ma, Das Dô, tu não assistiu os falatório da assistente  
sociá, das, das... daquelas coisa?

DAS DÔ - Assiti.

ZENILDA - Tu não fez como ela ensinô, si alembra cumo ela fez?

DAS DÔ - Mi alembro, as assistente mostrô as borrachinha, que era



prá não ficá barriguda, aí botaram lá nos galho das arvore prá mostra e...

EVELVINA - E aí?

DAS DÔ - E aí eu acho que não 'diântô' as arvrezinha lá de casa tá tudo ensacadinha, É mas não diantô, né?

Em outro plano, os amigos vem retornando do trabalho.

ZÉ - ...E é isso aí, Pedrão, i não deu certo aqueles troço.

PEDRÃO - Mas eu não te dei umas pílulas, não dei Zé?

ZÉ - Deu.

PEDRÃO - E aí, o que que tu fez com elas?

ZÉ - Tomei, ué.

PEDRÃO - Mas não era prá ...deixa prá lá Zé.

ZÉ - Que qui eu vô fazê, tô com bolo de conta atrasada prá paga, até já me cortaram o pendura na venda, a família tá aumentando, se mo sete lá em casa, a menorzinha tá doente, ainda tem os gasto de colégio, í com esses biscate a coisa tá ficando preta, tô apavorado, Pedrão!



Em 1908, na sala da casa do Sr. Capdelupi.

CAPDELUPI - Alguém, atenda esta porta! droga este colarinho.

AUGUSTO - Papai, tenho algo a lhe falar.

CAPDELUPI - Depois, depois, droga, alguém atenda esta porta!

AUGUSTO - Mas é importante.

CAPDELUPI - Eu já disse que não, não vê que estou ocupado? Alguém atenda essa porta. (grita, e em seguida passa um empregado, o mordomo) Ah! onde você andava?

MORDOMO - Bem eu...

CAPDELUPI - Não interessa, vá abrir a porta. Saia da frente rapaz, eu estou para receber visitas, e você fica aí me atrapalhando.

AUGUSTO - Mas papai, nós estamos enfrentando problemas na fábrica.

CAPDELUPI - Ora papai, ora papai (ironizando), problemas, problemas. Será que vocês só vem falar de problemas? ainda não aprenderam a resolve-los por conta própria?

AUGUSTO - Papai, os empregados estão insatisfeitos com os salários. Há um clima de insatisfação. A produção está caindo, isto pode acarretar graves problemas. Além disso, alguns feirantes se apossaram dos terrenos ao lado da fábrica e estão atrapalhando a construção do novo pavilhão.

CAPDELUPI - Quanto aos funcionários, despeça alguns, existem muitos procurando vagas, aumente as horas de trabalho, isto vai amedrontá-los. Quanto aos feirantes, tire-os de lá à força.

AUGUSTO - As coisas não são bem assim papai, o sr. sabe que despedindo alguns funcionários nós estamos apenas retardando o problema e o aumento das horas de trabalho aumentaria a insatisfação. E os feirantes parecem ter a permissão do sr. Intendente.

ALFAIATE - Senhor Capdelupi. (entra o alfaiate)

CAPDELUPI - Ah! é o sr. alfaiate! O blazer já está pronto?

ALFAIATE - Sim, só falta alguns pequenos ajustes, experimente.

CAPDELUPI - Reajuste? Droga, todo mundo quer reajuste. Bom mesmo



era no tempo dos escravos. Se os cativos incomodavam, era só colocá-los no tronco e pronto. Foram aqueles membros do Clube Abolicionistas, Lobo da Costa, Fernando Osório... Foram eles que meteram estas idéias nas cabeças dos negros e hoje nem branco nem negro respeitam mais nada.

AUGUSTO - Ora papai, até parece que o sr. não lucrou com a libertação dos escravos.

CAPDELUPI - Cale a boca.

AUGUSTO - O sr. sabe bem que os negros não tinham como sobreviver em liberdade, eles só tinham que aceitar as condições dos seus antigos donos, aceitar outro tipo de escravidão, e pelo salário.

CAPDELUPI - Mas não fizemos nada além do que nos era permitido. As coisas são assim, sempre foram.

AUGUSTO - Eu sei, mas isso não impede que o sr. mude as regras. Talvez não possa ajudar toda a sociedade, mas pode mudar no âmbito de sua responsabilidade. Papai, os funcionários estão enfraquecidos, desgastados, com o salário calculado sobre um tempo fixo eles não ganham aquilo o que lhes é direito, neste tempo fixado eles produzem muito mais de que ganham muito mais do que corresponde o salário, e no entanto esta diferença de produção vem para os nossos bolsos.

CAPDELUPI - Você está louco? Quem lhe andou metendo estas idéias na sua cabeça? - Alguém abra esta porta - Como você acha que eu adquiri esta casa? esta roupa? essa roupa que você está vestindo, essas calças, essas cuecas? Fique sabendo, seu pirralho, eu trabalhei, trabalhei muito e não vou dividir o que é meu com ninguém. Alguém abra esta porta.

AUGUSTO - Tudo bem, tudo bem, mas então se não aceita dividir ao menos o mínimo para terem uma vida digna de um ser humano.

CAPDELUPI - Filho, eu não posso fazer isso, se aumentarmos os salários dos empregados aumentará os custos de produção e com isso os



preços, com os preços altos, fatalmente sofreremos uma queda de vendas no mercado, isso nos levaria à ruína.

AUGUSTO - Mentira!

CAPDELUPI - Que é isto garoto? me respeite...

AUGUSTO - O sr. sabe que basta repassarmos o desconto do aumento de salário para os lucros para que os preços não se alterem.

CAPDELUPI - Olha garoto, você pensa que administrar uma empresa é muito fácil. Hã. Pois você sabe quem é que assume os riscos dos erros de investimentos que vocês cometem? das crises e dos funcionários irresponsáveis, quem? Sou eu. E só o lucro me garante segurança, só o lucro.

AUGUSTO - E o que garante a segurança dos funcionários pelos riscos de saúde, pelos riscos de desemprego?

CAPDELUPI - Porque você defende estes idiotas?

AUGUSTO - Porque estou envergonhado de mim mesmo. Por saber que os idiotas não são menos idiotas por conveniências de meu pai.

CAPDELUPI - Seu...

POLÍTICOS - Com licença (entram na sala, dizendo em uníssono aos visitantes)

CAPDELUPI - Ah, por favor, entrem. Não saia (diz para o filho) não terminamos nossa conversa. Então, como vão as pesquisas políticas?

POLÍTICO I - Muito bem.

POLÍTICO II - Muito bem. E é sobre este assunto que viemos falar-lhe.

CAPDELUPI - Ótimo, pois não percam tempo.

AUGUSTO - Papai.

CAPDELUPI - Cale a boca.

POLÍTICO I - Eu tenho um projeto.

POLÍTICO II - Eu tenho um projeto.

POLÍTICO I - Não, eu.

POLÍTICO II - Não, eu. (discutem, alguém bate à porta, atendo



mordomo)

CAPDELUPI - Vamos andem logo, não tenho muito tempo. Como é sr. alfaiate, quando é que vai acabar isso?

ALFAIATE - Só mais um momentinho.

POLÍTICO I - O projeto é este (apresenta um rolo de papel-higiênico)

CAPDELUPI - O que é isto?

(Entra o artista Michelíndio)

POLÍTICO II - É o nosso projeto. Caro colega! (pegam duas cadeiras, o Político I sobe em uma cadeira, enquanto o Político II aplaude).

POLÍTICO II - Muito bem (aplausos).

POLÍTICO I - Eis aqui. O papel-higiênico. Para que ele serve senhores? Para limpar o orifício expelidor de produtos orgânicos não aproveitados pelo organismo humano, limpá-lo das descargas dos dejetos adorosos e barrocos que o pululam. Mas não é um papel comum não. Vejam a textura, adapta-se aos mais diversos tipos de orifícios. Este aqui é do tipo lica, para orifícios mais asperos; este invisível para quem sofre de prisão de ventre, este com anúncio de classificados para quem não pode perder tempo, este tipo confete, para os mais econômicos os usuários podem usar o lado oposto para açoar o nariz. Este com desenhos infantis para crianças, este tipo exportação, com embalagem especial, abre-se a caixinha e toca a nona de Beethoven (aplausos).

POLÍTICO II - Vossa Excelência é um mentiroso, o que o sr. quer é causar uma epidemia de hemorróidas.

POLÍTICO I - Sua ignorância não me agride...

POLÍTICO II - Este produto que vossa excelência hora nos apresenta é importação, eu sei. Por isso, colegas parlamentares faço um apelo para que este projeto não seja aprovado, mais isto é mais um pretexto para dependermos de capital estrangeiro. Isto se pode ser





idôia de um energúmeno:

POLÍTICO I - Energúmeno é Vossa Excelentíssima progenitora.

POLÍTICO II - Ora seu néscio, repita o que disse.

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Gostei muito do projeto, tenho certeza que as Indústrias Capdelupi darão todo o apoio possível para a campanha.

POLÍTICO I - Muito obrigado sr. Capdelupi, sabíamos que o sr. ia entender.

POLÍTICO II - O sr. gostou da nossa atuação? nós amamos muito, podemos fazer bonito quando estivermos com o parlamento.

AUGUSTO - Papai, isso é loucura.

CAPDELUPI - Cale a boca. Vocês foram excelentes.

POLÍTICO I - Muito obrigado, muito obrigado, desejamos que a campanha seja como a de um papel higiênico.

CAPDELUPI - O quê?

POLÍTICO II - Longe e útil... Muito obrigado, muito obrigado.

CAPDELUPI - Bem sentem-se, vou mandar trazer-lhes um café.

AUGUSTO - Mas papai, eles não falam nada que não seja verdade.

CAPDELUPI - Você não entende nada de política, não fale nada que não me interessa, isso que importa. Já terminou sr. Cláudio?

ALFRIATE - Já estou acabando sr.

CAPDELUPI - Ora ora mas como sou distraído, é o sr. que vai falar por favor, sente-se.

MICHELÍNDIO - Como vai sr. Capdelupi?

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Ah. Vejo que trouxe o material. Ótimo e quando deseja começar a trabalhar?

MICHELÍNDIO - Se possível, agora mesmo.

CAPDELUPI - Agora? mas eu não estou muito bem, tenho pilhas rasas aqui bem a noite.

MICHELÍNDIO - Não se preocupe sr. Capdelupi, sr. Cláudio já falou.

ALFRIATE - Já estou acabando sr.



CAPDELUPI - Ha, por favor, coloque aqui. Vamos senhores, continuemos a conversa.

POLÍTICO I - Pois bem sr. Capdelupi, neste período até as eleições estamos de permanente contato com as classes representantes do povo para aperfeiçoarmos o nosso projeto.

CAPDELUPI - E quem são as pessoas? talvez eu conheça. Posso ajudá-los.

POLÍTICO I - São pessoas comuns, do povo.

POLÍTICO II - Banqueiros, administradores, fazendeiros.

CAPDELUPI - Veja Augusto como ficou bem este blazer. Ótimo trabalho sr. Clodovisto. Como vai o nosso artista, já terminou o esboço?

MICHELÍNDIO - Não sr. Capdelupi, falta apenas alguns detalhes.

CAPDELUPI - Posso dar uma olhada? (aproxima-se do quadro) mas isso não sou eu, isto está horrível.

MICHELÍNDIO - Por favor, não está terminado.

CAPDELUPI - É horrível. Eu não aceito isso, faça outro.

MICHELÍNDIO - Mas sr....

CAPDELUPI - Faça outro já disse (destrói o quadro)

MICHELÍNDIO - Mas isto é como eu vejo, é minha visão que o sr. está destruindo, isto é um insulto.

CAPDELUPI - Insulto? O sr. me faz com o nariz torto, as orelhas grandes e o que é pior, com a pele morena como um mulato, eu sou branco, não está vendo?

AUGUSTO - Porque o sr. detesta tanto os negros papai?

CAPDELUPI - Mas eu não detesto, até acho que o negro é o melhor amigo do homem.

MICHELÍNDIO - Sr. Capdelupi, o sr. é um cornucópio de asneiras. Nunca fui tão insultado em toda a minha vida. Eu não admito que o sr. trate assim de mim nem a minha obra.

... e a obra que eu fiz para a minha obra, quem foi



que lhe subsidiou a compra desse material?

MICHELÍNDIO - O sr.

CAPDELUPI - Quem está lhe pagando pelo seu trabalho?

MICHELÍNDIO - O sr.

CAPDELUPI - Pois então peque este seu material e pinte o que eu lhe pago para pintar.

Os políticos cochicaham com o empresário.

CAPDELUPI - Sr. Michelíndio, quero que ajude aos meus amigos aqui,

POLÍTICO II - Nós gostaríamos que o sr. desse um pouco de sua criatividade à nossa campanha.

MICHELÍNDIO - Sr. Cardoso, eu sou um artista não um...

CAPDELUPI - O que foi que o sr. disse? (mostra um conto de réis)

MICHELÍNDIO - Que não sou de negar um favor a um amigo (obediente)

O mordomo interrompe a cena e cochicha com o empresário, que arregala os olhos.

CAPDELUPI - Já devia ter mandado entrar. Vá buscá-lo, vocês saiam daqui, pelos fundos, filho acompanhe eles, vocês terminam isto depois. (se arruma e entra a visita)

CAPDELUPI - O Dr. James Schmidt, por favor sente-se

JAMES - Como vai o sr.?

CAPDELUPI - Muito bem, muito bem. Mas, por favor diga-me como foram as negociações? Vou receber o empréstimo?

JAMES - Sim, todos os seus pedidos foram aceitos, as dificuldades é claro foram enormes, o sr. bem sabe da crise que estamos passando. Mas existe sempre uma disposição muito grande em ajudar os amigos, mesmo que isso nos custe grandes sacrifícios. Os obstáculos foram transpostos e o empréstimo foi concedido, é só assinar aqui.

CAPDELUPI - Ótimo, agora posso aumentar o capital para 1500 contos e passar a fábrica para Companhia, muito obrigado Dr. James, eu lhe sou muito grato, eternamente grato, muito obrigado, muito obrigado.



JAMES - Obrigado (sarcástico) sr. Capdelupi, o sr. conhece a piada da formiguinha?

CAPDELUPI - Piada da formiguinha?

JAMES - É, aquela piada, a formiguinha queria atravessar o rio então pediu para o elefante e o elefante a levou a outra margem e quando ela disse obrigado, ele falou obrigado não vá baixando as...

CAPDELUPI - Sim, eu sei, eu sei, mas porque o sr. está me dizendo isso?

JAMES - É que existem apenas algumas exigênciazinhas de nossa parte. Elas estão todas aqui relacionadas. Até mais sr. Capdelupi, Good Bye (tire uma lista enorme)

CAPDELUPI - Deus do céu, mas estes juros são muito altos, como vou fazer para pagá-los. Estou arruinado (cai sentado na cadeira).

AUGUSTO - Papai (entra Augusto) quando é que vamos terminar nossa conversa? Se não tomarmos uma atitude as coisas podem piorar. O que eu faço com os feirantes?

CAPDELUPI - Empregado? Feirantes? (levanta-se pensativo) Mas é claro, por que não pensei nisto antes. Estão resolvidos os problemas. Faremos um acordo com os feirantes e os nossos funcionários poderão comprar lá, venha filho.



Uma feira de horti-fruti-granjeiros é montada, com feiristas. Um chorinho toca ao fundo intermediando os diálogos. Em cena carregadores, transeuntes e moradores da favela da Mossoroca. Os feirantes anunciam seus produtos.

ZÉ GRANDÃO - ...olha a banana, o tomate, a melancia, laranja do céu e de umbigo, batata-doce e abóbora.

BUGRA DAS ERVA - ...éia as erva, tem carqueja quiô pros intestino pepoejo e cancorosa da miuda e da graúda, pobrema de fraqueza e catuaba é erva prá tudo, freguês...

FLORISTA I - Temos todos os tipos de flores, mudas de árvores por encomenda, grama prá jardim, e também...jasmim, temos todos os tipo de flor, rosas begonias e também...

ANTONIO - ...e também ovo da colônia, queijo e mortadela, nós temos morsilha, rapadura, fartura de tudo que é verdura.

ETELVINA - Óia aqui muié este tomate.

PORTUGA - Olhe a vontade madame, são de primeira qualidade. Estes aqui são escolhidos.

ETELVINA - É mas não parece tá muito bom não.

PORTUGA - Não digues isso. São fresquinhos!

Dna. EUZÉBIA - Mas óia, óia os preço.

ETELVINA - Ela tem razão portugá, os preço tão caro.

PORTUGA - Isto eu não discuto afinal os tomates são de primeira.

ETELBINA - Deixa vê (pega o tomate)

PORTUGA - A senhora vai comprar o tomate?

ETELVINA - Primeiro eu vô vê se tão bom. (aperta o tomate)

Portuga - A senhora pode olhar mas não pode apertar. (tira o tomate)

ETELVINA - Mas se su não apertar como vê sabe se tão bom.

PORTUGA - Se apertar vai estragar o tomate.

ETELVINA - Mas se eu não apertar não vô sabe se tão bom o tomate.

PORTUGA - Por favor não se esqueça de comprar o tomate.



EVELVINA - Ora que desaforamento, meu marido tem que sabe disso.

PORTUGA - Vá para o raio que... Vá apertar o tomate do seu marido.

EVELVINA - O seu portuga desaforado, ladrão.

PORTUGA - Olhas o que falas.

Dna EUZÉBIA - Ocê cala essa boca se não. (pega o tomate e ameaça atirar)

PORTUGA - Não! Porfavor o tomate não.

Dna. EUZÉBIA - Nem de graça eu queria esses tomate podre ai, safado.

(riem do portuga)

PORTUGA - Suas sem verganha, jararacas...

Dna EUZÉBIA - Vamo embora muié, vamo vê se a gente encontra mais barato.

(do outro lado)

ZENILDA - (se aproximando, junto com Das dô, da feira) Apura, Das Dô, vamo vê se a gente encontra mais barato, vamo apruveita enquanto não sobe.

CANINDÉ - ...É aqui, corvina, tainha e filé... compre na Banca do Canindé...

DASDÔ - Santo home esse patrão, né Zenilda? como esse bônus vai dá um alívio, né mesmo?

BUGRA DAS ERVA - Tem alívio prá dor, é as erva medicinal, compre, compre aqui. Cura tudo, dor de pescoço, dor de cabeça, dor de cabelo e até dor cutuvelo...

ZENILDA - É, esse adiantamento veio mais do que na hora.

DASDÔ - (Em frente a banca do Zé Grandão) Tá tudo mais caro. Etelevina é um robo. (revoltada).

FLORISTA - ...flores, quem quer flores? Ramalhetes, buquês, arranjos de flores de presente.

MARIA JOSÉ - Isso é que não pode sê.

EVELVINA - PORque? Subiu de novo?

ANTONIO - É... é, é a inflação.



ZÉ GRANDÃO - Aproveitem, que o bônus tem validade somente aqui na feira.

TEREZA - Tão nos roubando, em tudo os outros lugar é mais barato, tão pensando que a gente é tudo bobo, é?

Dna EUZÉBIA - Mas isso é uma exploração...

CANINDÉ ...que vem mar e é salgado, é o peixe fresquinho que sai na hora na banca do canindé.

ZÉ GRANDÃO - Olha a alface, a cenoura... é só trocar pelo bônus.

DASDÔ - Mas isso não dá prá nada (convergem os protestos para onde está Zenilda)

(De subto aparecem brigando no meio das pessoas Carlota e a Bugra das erva)

BUGRA DAS ERVA - Negócio é o seguinte, tô vendendo minhas erva numa boa, ai vem essa madama metida a besta e pisa nos meus calo. Mas eu pego ela... (alvoroço)

CARLOTA - Mentirosa! Essa feira tá com os preço tudo alto pessoal. Ai, só porque eu resolvi reclama, que é nosso direito, ela me taco a mão na cara mas eu te quebro desgraçada. (alvoroço)

BUGRA DAS ERVA - Vem cá se tu é home, vem cá...

PORTUGA - Por favor, por favor senhoras tenham calma.

ETELVINA - Calma nada, sai dai o Portuga filha da puta.

BUGRA DAS ERVA - Tá bem pode larga vamo bota a cabeça no lugar, me solta. Mas primeiro deixa eu acaba com essa nega...

CARLOTA - Me larga, pode largá. Ai pessoal os preço foram aumentado e nós não podemos compra notro lugar por causa desses vale, isso é sujeira que tão fazendo com a gente. Isso é coisa dos patrão lá da fábrica.

ZENILDA - Não vamo compra nada! Eu bem que vi que tinha coisa tem alguém por trás dessa sujeira.

BUGRA DAS ERVA - EEE, mas que que há pô. Os patrão tão querendo beneficio para vocês com esses vale e vocês fazem isso (apulpos vai-



as).

EDELVINA - Isso... vamo quebrá tudo.

MARIA JOSÉ - Peraí, pera aí.

Dna EUZÉBIA: Vamo quebra, vamo dá neles.

TEREZA - Não vai adiantá nada Telvina.

ZENILDA - Vamo lá falá com o Pedrão, de sindicato, só pode sê coisa dos homi lá da fábrica...

PORTUGA - Vocês não podem ir embora, tem que comprar aqui, voltem!





Em greve, os operários estão centados ao chão, ao fundo do palco.

À frente, é 1908, na casa do sr. Capdelupi.

CARVALHO - Estamos há duas semanas parados, que vamos fazer?

AUGUSTO - Nada. Não vamos fazer nada.

CARVALHO - Mas como? nosso estoque está acabando, em breve não teremos o que fornecer ao comércio, isto será o caos.

AUGUSTO - Mas foi papai que gerou este problema, ele deve resolvê-lo.

CARVALHO - Isto não é justo sr. Augusto, as intenções, os vales adiantados sobre o pagamento, foram as medidas mais humanitárias possíveis.

AUGUSTO - Humanitárias? O que aquele velho é, é uma raposa. Ele viu que não poderia pagar as dívidas sem perder os lucros e transferiu o que devia descontando do salário dos empregados.

CARVALHO - Ele estava preocupado com a insatisfação dos funcionários, pensou apenas em ajudá-los.

AUGUSTO - Sim, ajudá-los, pois bem, o sr. não é burro sr. Carvalho. Ele fez um acordo com os feirantes, disse que faria com que todos os funcionários comprassem lá com duas condições. A 1ª que se transferissem de lá, pois estavam prejudicando a construção do pavilhão B e a 2ª de que aumentassem os preços, sendo que ele ficaria com a diferença em relação ao preço real. Dando os vales para os funcionários, ele estava obrigando a comprar por um preço maior, fazendo com que eles pagassem as dívidas.

CARVALHO - Eu não vejo dessa forma. Isto foi só um empréstimo. Aqui os funcionários tem tudo do melhor.

AUGUSTO - Tudo do melhor? Então me diga por que a greve?

CARVALHO - Porque, porque eles são ingratos.

AUGUSTO - Ora...

Augusto e Carvalho saem de cena. Os operários que estavam ao fundo começam a se movimentar.



LAERTE - Aí pessoal, eu tô de saco cheio de esperá uma decisão, esses cara tão inrolando, tão nos fazendo de palhaço.

JUCA - Vamo quebra tudo.

LAERTE - É isso aí, vamo quebrá essa merda!

ANTÔNIO - Pera aí pessoal, vamo calmá, vamo esperá o Pedrão que foi falá com os home, ele deve nos dize alguma coisa.

LAERTE - Nós já esperamo demais.

JUCA - É isso aí (burburinho)

ANTONIO - Nós devemo ter paciência, se quebrarmos tudo estaremos sujeitos a perder o nosso emprego, é a lei.

LAERTE - Que lei, uma ova, essas lei só serve prá botáem nós, olha o salário que a gente ganha, não é as lei que manda.

ANTONIO - Eu concordo com vocês, só estou pedindo prá esperá um pouquinho.

LAERTE - Mas e tu acha que eles merece esperá. Nós esperamos e óia o que eles fizeram, nos deram aqueles vale e nos obrigaram a comprar naquela feira com os preços tudo remarcado. Eles merece esperá gente?

TODOS - Não.

LAERTE - Então vamo quebrá.

ANTONIO - Espere, olha o Pedrão vem vindo.

JUCA - Pedrão, cumé que foi?

ANTONIO - Ele vai dá os aumento?

JUCA - Fala home.

PEDRÃO - Pera aí, um de cada vez, Eles não deram resposta, disseram prá gente esperá.

LAERTE - Esperá? Essa não. Mas tu foi lá i não colocô a nossa proposta?

PEDRÃO - Coloquei tudo que tinha que colocá, eles acharam absurdo os aumento e disseram que a empresa não aguentaria a sobrecarga na folha de pagamento.



JUCA - E tu? que foi que falô?

PEDRÃO - Eu disse que se eles não desse os aumento que os prejuízo ia se bem maior, porque nós não ia volta a trabaiá.

JUCA - É isso aí.

ANTONIO - E que mais Pedrão?

PEDRÃO - Aí disseram que iam pensar na proposta e mandaram eu esperá.

LAERTE - Eu não tô dizendo? tem que quebrá tudo.

JUCA - É isso aí.

ARZILIANO - Não vai adiantá nada.

LAERTE - AAAAA, pára de resmungá aí Arziliano, para de resmungá e vem com a gente.

ARZILINO - Vocês são muito apressado, se fizerem isso vão conseguí é nada.

PEDRÃO - Pessoal, nós não vamo sedê em hipótese alguma, isso sem faze quebra-quebra, isso não vai adianta nada.

ARZILINO - Sabe, isso já aconteceu antes.

LAERTE - Que que foi véio?

ARZILINO - E tô dizendo foi lá por volta de 1908, aconteceu uma greve bem parecida como essa daqui.

LAERTE - Aé é, e cumé que acabô velho, o pessoal quebro tudo.

ARZILINO - Claro que não, naquela época o pessoal tinha tutano e não era burro qui nem tu. (risadas) Mas a greve não deu em nada, no fim os patrão precionaram e tudo mundo voltô a trabalhá.

LAERTE - Ai ó, eu não tô dizendo pessoal, se a gente não assuta eles, eles não vão afloxá.

PEDRÃO - Desce daí ôlaerte, cala a boca que sê fica melhor. Pessoal o negócio é ficá aqui e fincá o pé até eles sede o aumento.

ANTONIO - Pessoal, são eles (entram os patrões)

EMPRESÁRIO - Queridos funcionários. Estivemos pensando exaustivamente na justa reivindicação que ora vos incita a esta manifestação desesperada. Como todos sabemos a nossa Indústria passa por uma



grave crise econômica. Não particularizando, crise esta consequência da política de guerra contra a inflação adotada pelo atual governo. E nessa guerra todos os esforços são necessários, ninguém pode estar de fora. Do mais humilde funcionário ao mais graduado, os esforços devem fundirem-se de forma efetiva. Devemos nos doar, doar nosso sangue se for preciso, devemos estar unidos para superarmos as dificuldades e alcançarmos a glória do Brasil

. Precisamos encarar estas dificuldades de frente. É sabido que a situação nos leva a tomar atitudes irracionais, que prejudicam o andamento de nossa honrada labuta. Vamos deixar o superficialismo e a folia, afinal de contas isto aqui não é nenhum baile de carnaval (entra o sonoplasta com "ei você aí, me dá um dinheiro aí"). É evidente que em nossa empresa preocupa-se com os seus funcionários e procura sempre, na medida do possível, tomar medidas que beneficiem a todos. É certo, os tempos nos dão a impressão de vivermos na corda bamba, mas nem por isso vamos transformar nossa empresa num circo. (Toca uma música de circo) Assim, senhores resolvemos mais uma vez sacrificarmos talvez o futuro desta empresa e concedermos um aumento de 5% (burburinho).

PEDRÃO - Mas nós pedimos um aumento de 200%, o salário já é baixo, com a inflação então nem se fala. Esses 5% não dá pra nada.

EMPRESÁRIO - Ora, vamos senhores, compreendam, que 5% já é um disco muito grande para a empresa; além do mais, os vales de adiantamento de salários serão mantidos.

LAERTE - E vamo sê obrigado a comprar na feira com os preço lá em cima é?

EMPRESÁRIO - Isto já foi providenciado. A empresa não se responsabiliza pelo aumento de preços, já estamos tratando de outro local para as compras (burburinho), senhores, senhores, por favor. Nós não podemos admitir que tais problemas afetem a grande amizade que faz de nossa empresa uma das primeiras do mercado. Devemos estar conscientes de que Deus nos dará um futuro melhor e nós devemos



ser cordeiros da sua vontade, conservando os divinos laços que nos unem, porque não fomos trazidos aqui por acaso. (Música religiosa) (chega à frente como numa missa entregando dinheiro para os funcionários como hóstia, até chegar à frente de Pedrão).

EMPRESÁRIO - Ah, ah, então você está aí.

PEDRÃO - Você continua enganando eles.

EMPRESÁRIO - Ora, não estou fazendo nada de errado.

PEDRÃO - Como não? Você não nos aluga por hora, isso não é errado?

EMPRESÁRIO - Mas a lei me permite.

PEDRÃO - A lei (cospe) a lei não é justa.

EMPRESÁRIO - Não é, então vamos resolver isso fora da lei.

Duelam como cowboys, o empresário saca do dinheiro, ferindo Pedrão na barriga.

EMPRESÁRIO - Senhores, senhores, tenho uma relação a fazer. (burburinho) O sr. Pedro Vargas, representante do Sindicato é o grande responsável pelo aumento de preços na feira. (burburinho) Na realidade o sr. Pedro Vargas veio à diretoria da fábrica e exigiu que tomássemos alguma atitude para solucionar a crise que passávamos.

ANTONIO - E daí? Ele estava tentando nos ajudar.

EMPRESÁRIO - Até aí posso compreender, mas acontece que foi ele que indicou a feira e sugeriu a forma de compra.

JUCA - Mentira.

EMPRESÁRIO - Está claro senhores que ele estava conchavado com os feirantes e acordou com eles o aumento dos preços, aceitando por isso gorda propina.

ANTONIO - Mentira. (tumulto)

LAERTE - Isso é verdade Pedrão?

PEDRÃO - Vocês não podem acreditar nisso.

EMPRESÁRIO - Sei que isso é muito duro de aceitar senhores, mas é a realidade. Sr. Pedro Vargas, o sr. está despedido por ter traído a lealdade e a amizade dos funcionários desta empresa.



PEDRÃO - Mas isso é uma grande mentira. Amigos, Carlos, Antonio, Jorge, .... Vocês não vão fazer nada? Vão deixar que eles façam isso comigo?

Todos se retiram.

PEDRÃO - ...e foi assim que aconteceu Zé.

ANTONIO - É, e eu também recebi uma cartinha, o pior é que eles alegaram justa causa.

ZÉ - Mas vocês ainda podem apelar para a justiça de trabalho.

PEDRÃO - Isso aí é, mas até a justiça resolvê, como é que nós vamo vive? eles trancaram o nosso fundo.

ZÉ - Desculpe, pessoal, mas eu também tô numa pior.

ANTONIO - A gente sabe Zé, e cumé que tá teu filho? A Das Dô?

ZÉ - Nada bem. A Das Dô depois do parto parece que fica pior da saúde, eu até levei ela no médico. Lá do postinho.

PEDRÃO - O que foi que ele disse?

ZÉ - Mando ela cume.

PEDRÃO - E o garoto?

ZÉ - Também.

PEDRÃO - É Zé, sabe depois que vê cumé que tu tava é que eu pensei em fazê alguma coisa prá acabá com esta situação. Não, eu não tô dizendo que você é o culpado.

ZÉ - Não se preocupe, eu atendo, se não fosse por meus filho, eu talvez nem tivesse tão ruim, vocês não teriam reagido e talvez tudo tivesse bem na fábrica. Vocês tariam empregado.

ANTONIO - Ah! Não faz assim Zé, o Pedrão não quiz dizer isso, a gente tá no mesmo barco, o negócio é uni as força.

PEDRÃO - É isso aí, e quem sabe a gente vai tomá uma cerveja lá no Mané, prá esquece as magoa?

ZÉ - Ei mas com que grana?

PEDRÃO - A gente pendura, o Mané entende.



Enquanto trocam o cenário, um samba toca ao fundo.

No palco, uma mesa de bar à esquerda, e a direita o cabaré.

No bar:

GAGO - Pô cara, a-a coi-coisa não tá fácil!

ANTONIO - É mesmo. E vocês sabem da última? Tão falando em desaproprria a vila prá construir um Shopping Center.

PEDRÃO - Que! Essa não! Isso eu não deixo. (embriagado, levanta e a cadeira cai para trás)

ZÉ - Ah! Tudo bem Pedrão, tá todo mundo te ouvindo.

ANTONIO - Senta aí. O máximo que tu vai consegui é quebra a cadeira do Mané, que tá podre.

PEDRÃO - Mas isso não é justo. Vô convocá uma assembléia.

ZÉ - Não adianta Pedrão, tá todo mundo contra ti.

BRÁULIO - Eu pude até canta prá asembléia, né? dependendo do cachê ...é claro.

ZÉ - Ei! Mas olha lá quem tá chegando.

Do outro lado acendem as luzes. Entra um grupo de empresários com uma prostituta. Os empresários sentam e conversam enquanto a prostituta dirige-se à mesa do bar.

No cabaré.

AZEVEDO/ANTONIO - Vamos, sentamo-nos, este é o melhor lugar para nossa distração.

CARVALHO - Então sr. Augusto, o que nos diz? Alguma surpresa nos espera para esta noite?

AUGUSTO/PEDRÃO - Oh sim! parece que chegaram algumas francesinhas muito garbosas do centro do país.

AZEVEDO/ANTONIO - Ora, Ora! Então o nosso amigo aqui está tendo muita sorte, logo na primeira vez (referindo-se a Fernando/Zé)

No bar:

PEDRÃO - Veja só pessoal, mas que visita ilustre.

(do lado esquerdo surge a francesa que se dirige ao bar)



MADALENA - Alô.

GAGO - O-o-que tu tu tá tá fazen-zen-do aqui?

MADALENA - Tô dando uma olhadinha na freguesia, ora bolas. E vocês?  
tão com cara de semana santa.

No cabaré:

FERNANDO/ZÉ - Por favor senhores, a semana santa está muito dis-  
tante.

AZEVEDO/ANTONIO - Mas olhe. Parece que o rapaz já é experiente tam-  
bém neste ramo de negócio. (risos)

No bar.

PEDRÃO - Isso é que é negócio (falando à Madalena), tu é que tá  
certa Madalena. Se tem negócio seguro e garantido é esse de vocês.  
Mais vale vende o rabo de que a barriga.

MADALENA - Que que é Pedrão? tá com inveja é? (aproximando-se do  
Gago e de Bráulio)

GAGO - Sai prá lá Mada, que que e-eu tô tô se-sem grana. Não tenta.

BRÁULIO - Pera aí... (Madalena se aproxima dele), eu sou um artís-  
ta, um cantor, tenho que preservar minha forma, as minhas cordas  
vocais, vocês sabem. é o peso da fama, ah!...

MADALENA - (virando-se para o Gago) Ah! qualê? só queria fazer um  
carinho, não precisa ficar nervoso.

No cabaré.

CARVALHO - (riem) Eu não disse que ele ia ficar nervoso?

FERNANDO/ZÉ - Por favor senhores, mantenham a discrição.

AUGUSTO/PEDRÃO - O que é isso sr. Fernando? descontraia, o sr. não  
está mais na empresa.

No bar.

ANTONIO - Sabe de uma coisa? eu tô aqui enchendo a cara, tenta  
esquecer os pobrema tomando uns trago e acho que isso é uma tre-  
menda covardia.

BRÁULIO - (digavando)... e. covardia, antes era tudo melhor, o tam-  
bo da Barcelândia, da pantelona, do cruzeiro...





ANTONIO - E sabe do que mais? eu vô tomá uma "atitude". Isso não pode ficá assim, eu vô tomá uma atitude.

MADALENA - Que, não me diz que ele resolveu pará de bebe.

GAGO - Que que na-nada ele vai é bebe mais a-atitude, é é o no-nome da cachaça que que ele tá tá be-be-bendo.

No cabaré.

FIFI - Ulalá, cherri, o senhoorr parresse um pocu apressadinho, heim?

CARVALHO - Olha só, a menina parece não gostar de gentilezas.

FIFI - É o cherri porrque está prreocupado. Marri está parra acalmá-lo, não se prreocupe, vou ajudá-lo.

AUGUSTO/PEDRÃO - Olha só, era isso mesmo que ele queria.

No bar.

ZÉ - Eu daria tudo prá sabê porque que eu tô nesse buraco.

MADALENA - Ora, deixe que eu resolvo o seu problema (pega da mão de zé) quem sabe a resposta não está no seu passado?

ZÉ - Olha aqui pessoal, ela sabe lê a mão.

No cabaré.

AZEVEDO/ANTONIO - Até parece que é muito difícil prever o seu futuro. Com a sorte que o sr. tem, vai morrer cercado de mulheres.

FIFI - Aqui diz que o senhoorr terrá um futurro brrilhante, mas veja...

FERNANDO/ZÉ - Vê o que?

FIFI - Aqui na linha do amor, o sr. tem uma amor proibido. O ama alguém que está preso a outra pessoa.

No bar.

GAGO - O-olha só o Zé ta-tava pulando o mu-muro e a das Dô nem sa-sabi a.

BRÁULIO - Zé, toca aqui amizade (estendendo a mão), porque não me falô, ô meu, eu também sou um "amante à moda antiga", manja?

ZÉ - Que! isso daí é mentira.

MADALENA - Mas isso é de seu passado muito distante.



ZÉ - Mas eu nunca enganei a Das Dô, nunca tive outra mulher.

MADA - Das Dô é sua mulher?

ZÉ - É.

MADALENA - Eu não tô falando que tu tenha enganado ela, isso pode tê acontecido a muito tempo. Antes de tu conhecê ela.

No cabaré.

AUGUSTO/PEDRÃO - Amor proibido, hein sr. Fernando?!

CARVALHO - Olha que isso é sério.

FERNANDO/ZÉ - Eu não acredito nisso.

FIFI - Pode acreditarrr cherri!

FERNANDO/ZÉ - Amor proibido, eu não... eu não gosto de fazer nada de maneira incôgnita, nada do que me envergonhe.

FIFI - Se não teme, então porque non permmitee que eu continue?

No bar.

ANTONIO - Olha Madalena, o máximo que tu vai encontrá aí, é um passado muito negro. É que ajuntador de papel tá sempre com a mão suja.

MADALENA - Aqui diz que esta mulher era a esposa do seu patrão.

GAGO - ah, ah, ah o-olha só que saca-sacana.

BRÁULIO - ...Amada, amante (fazendo um fundo musical).

ZÉ - Essa não Madalena.

MADALENA - Acalma home, olha, aqui diz que ela ficô grávida e que tiro o filho, isso pode tê custado muito caro zé.

ZÉ - Madalena, eu já sei, tu tá gozando com a minha cara.

MADALENA - Cala a boca, meu deus!... Cruz credo!

ZÉ - que foi?

MADALENA - Vejo aqui duas morte na sua vida, Zé.

No cabaré.

AUGUSTO/PEDRÃO - Ei Fifi, veja a minha agora.

FERNANDO/ZÉ - O sr. acredita nisso?

AUGUSTO/PEDRÃO - Não é que acredite, é que assim eu posso ficar  
esta próxima noite no bar. Vamos, minha francolinha?



FIFI - Calma cherri, já vou indo, vamos ver... CHERRI! você é um homem muito rico.

AUGUSTO/PEDRÃO - Acertou, e você francesinha de muita sorte. (bate na sua bunda)

FIFI - Ui! Vejo aqui que o seu futuro é de prosperidade nos negócios e poderr, como de alguém de sua família, talvez seu pai. Mas, seu temperramento justo e irriquieto o tornarrá um liderr de operarrios e vai lutar por elas.

No bar.

ANTONIO - O que? O pedrão filho de papai rico? essa não.

GAGO - A-acho que que sê furônessa Mada.

PEDRÃO - Já pensou, eu hem! Com toda aquela grana. Eu ia metê o pau nesses cara que nos exploram, conta mais, conta mais Mada.

MADALENA - Aui diz que... puxa não entendo, mas parece que seu pai sim seu pai, tem uma ligação muito grande com algum de seus amigos.

PEDRÃO - Qual?

MADA - Não sei, talvez o Zé.

ZÉ - Qualé Mada? largua o meu pé.

BRÁULIO - Vê a minha, agora, Madalena, vê se eu vô realiza meu sonho: sê parceiro do Rei, cantá no Rádio e aparecê no Chacrinha. Vê prá mim?

GAGO - Pedrão, vai vê que seu pai ho-hoje é o fio do Zé.

PEDRÃO - Não diz besteira Gago, tu tá bêbado.

GAGO - O-olha quem fa-fala, sse nem se sse aguenta em pé.

ANTONIO - Mada, lê a minha mão?

(uma música encobre o diálogo)



A cena desenvolve-se em três planos. Na favela, os moradores estão em pânico.

ETELVINA - Só temo até amanhã prá arrumá as coisa.

ZENILDA - Meu Deus, prónde que nosis vamo agora, gente?

ANTONIO - Eles não pode fazê isso com nós.

MARIA JOSÉ - Fala besteira, até que um dia Deus ouviu a gente.

TEREZA - É, já pensou, vai dá, até, prá tomá banha todos dia.

ETELVINA - Mas água e luz custa dinheiro.

GAGO - Mas e cu-cumé que a gente vai pa-pa-pagá isso?

ZÉ - Diz que é longe, e a condução?

GAGO - E po-põe longe nisso.

Em outro plano a entrevista na TV, enquanto isso ocorre os flavelados vão recolhendo suas coisas e desmanchando os barracos.

REPÓRTER DA TV - (Entrevistando o Secretário, o camera-man fazendo uma tomada)

SECRETÁRIO DE URBANISMO - ...É claro, a medida de desapropriação dos flavelados visa, sobretudo, proporcionar-lhes melhores condições de vida, habitação, saneamento básico, (água, luz, esgoto), calçamento, escolas, crechês, posto de saúde, essas coisas... Sem falar na mudança estética que teremos aqui com a implantação do Shopping, graças ao empenho de um grupo de empresários preocupados com o problema social, que aliás... bem do que eu estava falando?

REPÓRTER DA TV - Dos flavelados.

SECRETÁRIO - Ah, sim, desses... ressalta-se nessa atitude da Secretaria de Urbanismo, o atendimento a uma antiga reivindicação dos moradores dos conjuntos habitacionais mais próximos, o condomínio Viela Souto e o condomínio Canarinho de Fardão.

Em outro plano, na favela, flavelados estão reunidos.

ANTONIO - Olha, e eu acho que agente vai sê jogado lá no findão do mundo e aí eles vão esquecê de nós, isso é coisa daquele tal de secretário.

TEREZA - Mas os home falaro que lá tem...



ZENILDA - Sei não, sei não.

ETELVINA - Tem nada, Tereza, é tudo mentira deles.

PEDRÃO - Calma aí pessoal, nós temo é que exigi umas garantia, que esse lugar tenha tudo do jeito que eles prometero, senão a gente não vai e pronto.

MARIA JOSÉ - Nós temo prá onde i mesmo pessoal, vamô arruma as troxa.

ZENILDA - É isso mesmo, eles não iam fazê isso com a gente.

PEDRÃO - Acho que nosso direito tem que sê de papel passado, assinado e tudo.

SURUBA - Que que adianta Pedrão? é só eles querê e os rato vem aqui, derrubam os barracos e botam todo mundo em cana. Eu não quero rabo pro meu lado.

GAGO - T, i tu-tu tam-também co'a fi-ficha que tutu tá!

Em outro plano continua a entrevista com o secretário.

SECRETÁRIO - ...bem os projetos de construção desse núcleo ainda estão em andamento... as verbas já foram liberadas pela Cia.de Habitação, mas isso é irrelevante e secundário; o importante é que o principal já foi resolvido.

Em outro plano, o radialista.

RADIALISTA - ...e o maestro Jordão rodou prá nós "Vestido de Noiva" de Portãozinho e Tororó, e atenção, o Bailão "ESTRELA D'ALVA" convida o povo em geral, para comparecer nesse sábado na sua tradicional discoteca prá juventude, e no domingo um baita baile com a animação do conjunto "Os Touros Urbanos". Amigos ouvintes, é a ZYB 740, 10 Kwatts de potência que chega até você, com o seu programa "A voz e a vez do ouvinte", é o seu espaço, o seu direito, a sua oportunidade, se você estraviou seus documentos, está procurando emprego, quer encontrar uma namorada, escreva! Voltamos em seguida, após os comerciais, com o repórter Armando Guerra diretamente da favela, é a voz e a vez do ouvinte.

REPÓRTER DA TV - ...Caros telespectadores, a situação das dezenas



de famílias que habitam aqui na favela da Mossoroca, é dramática, todos esses moradores aqui (aponta e o câmara segue), serão transferidos para a zona extremo oeste da cidade, como vocês podem ver, há muita saudade e muita emoção, o clima é de muita expectativa; e a brigada militar já montou um esquema "especial" para a remo... quer dizer, a transferência dos flavelados...

No plano 1, palco, acontece ameaça e coação física por parte dos policiais em cima dos flavelados.

REPÓRTER RÁDIO - E daqui fala o seu amigo Armando Guerra, investigando a carta-denúncia que recebemos do sr. José da Silva, e tudo ocorre na maior tranquilidade, graças ao prestimoso auxílio do comandante Justiniano:

JUSTINIANO - Realmente, a nossa corporação fica feliz em colaborar com a comunidade, e realmente, afinal de contas, realmente é o nosso dever.

REPÓRTER DA TV - ...Agora então, entrevistaremos alguns moradores da favela. (moradores se aglutinam em torno da TV), dá licença, sai... dá licença.

BRÁULIO CARMOS - Ei bicho, vieram me entrevistá, não é um barato? "Meus amores da televisão, fantasias do meu coração".

MARIA JOSÉ - Meu Deus, como é que eu tô? (se ajoelhando)

ZENILDA - Se eu sobesse eu tinha ido no instituti.

EDELVINA - Eu tô horrível, nós vamo sai na TV mesmo moça?

REPÓRTER DA TV - A sra. aqui, é, a sra. mesmo, por favor!

ZENILDA - Bão, eu quirie aproveitá a fala, prá perguntá prá vocês da televisão, se nós vamo tê tudo o que prometero, essas tal de infra-estrututa, água-sanidade...

REPÓRTER DA TV - (ignorando-a) Bem, bem, e essa menininha aqui...

CRIANÇA - Moça, é verdade que lá tem iscola, com sopa de meren... com tutano e tudo?

EDELVINA - (se intrometendo) Va, tê vaga prá Claudim?

REPÓRTER DA TV - ...



parece bastante comunicativa, seu nome?

DAS DÔ - Maria das Dores da Silva.

REPÓRTER DA TV - O que a sra. acha, Dna. Maria, do atual contexto da favela Mossoroca?

DAS DÔ - Bão...

REPÓRTER DA TV - Como podemos ver, a sua emoção é muito grande, como a de todos os flavelados, na esperança de dias melhores... Campanha esporte é saúde, dê uma bola para seu filho e faça uma criança feliz, vista esta camisa AYDS, você precisa saber evitar, o mundo trata melhor quem tem dinheiro para se vestir bem, confecções Merci Cardon, um conjunto alto esporte em tom pastel; e para o homem que sabe que quer, Cigarros Capital, um prazer estatal e multinacional. (No palco acontece a ação física, com dois manequins desfilando e fazendo as propagandas acontecerem)

REPÓRTER RÁDIO - E aqui estamos com o autor da carta-denúncia, o sr. José da Silva, morador da favela há muitos anos, e sustenta a sua família revendendo papelão. José, qual a situação da favela hoje?

ZÉ - Tá braba, o pessoal tá meio arisco, os macaco andaro dando pau no pessoal, nós nem sabemo nem pronde vamo e cada um diz uma coisa.

PEDRÃO - Dá licença (se achegando ao microfone) eu quiria dá palavrinha em nome do pessoal da vila. (tomando o microfone mãos do repórter). O negócio é o seguinte, nós tivemo lá, e não vimo casa, nem escola, nem nada, só lixo, eles pensam que a gente é bicho! será que eles nunca pararo prá pensá? até bicho come, até bicho tem onde morá! E nós cumé que fica, passando fome na arage, com muié e fio prá criá? quem são essas autoridade? que não ouve e não quere vê, que veem a miséria e perfere isquece? quem são esses homi da justiça, que rezam e vão à missa, que se cagam na priquiça, vendo o trabaiadô virá carniça, por não tê onde trabaiá. Quem são esses homi?



REPÓRTER RÁDIO - E ficou aqui o apelo dramático do sr. Ped... Oh, que pena, o microfone estava desligado, alô, alô, central, é tudo com você.

RADIALISTA - Ok, muito obrigado Armando Guerra, vamos encerrando esse programa, mandando um abraço prá essa gente bacana, pessoal da vila das Raposas, Vila Jurema, para Dna. Ziza, Seu Artur, Marli, Ambrósio, Ivanir, Cumpadre Terésio, ao Chicão e meus amigos taxistas da parada 76. É o programa "A vez e a voz do ouvinte" com um patrocínio: "Caninha Ao Nicolau", aquela que serve prá levantar a moral, "Café Chinelo", um passo prá você por os pés no chão, e se você quizer ver carne, vá ao Açougue Esperança, Rua das Ilusões, s/nº; Um dia nos encontraremos, que na tristeza desse dia possa nascer amizade eterna, Casa de Pompas Fúnebres Jonho Sem Fim, 24 hs á sua espera, esperamos a sua visita, até breve!





No baile de carnaval, em 1908, os amantes.

FERNANDO - Por favor, por favor não fuja não fuja de mim.

ESPOSA - Deixe-me por favor.

FERNANDO - Mas o que está acontecendo com você? Eu estou tentando falar com você a dias e vocês só tem me evitado.

ESPOSA - É, está na hora de você saber, é melhor nos separarmos antes que as coisas compliquem mais.

FERNANDO - Ma complicar o que? Porque não fugimos, logo você não ama Capdelupi, é inútil alimentar esta fidelidade.

ESPOSA - Você não compreende, ele me ama, precisa de mim.

FERNANDO - Ele não precisa de ninguém, eu preciso de você.

ESPOSA - Me larga.

FERNANDO - É pelo dinheiro que você quer ficar não é? Sua cadela (a empurra) vá então, me deixe.

ESPOSA - É isso mesmo. Quem você pensa que é seu funcionariozinho de meia tijela, você jamais poderia me oferecer o conforto que ele me oferece.

FERNANDO - Por favor, por favor, não me deixe, eu tenho umas economias, e eu posso lhe dar todo o conforto que quiser.

ESPOSA - Me largue, eu já disse, pelos menos seja homem, pare com isso.

FERNANDO - Eu mato você.

ESPOSA - Você já matou.

FERNANDO - Porque está dizendo isso?

ESPOSA - Nada.

FERNANDO - Nada não, diga-me, diga-me.

ESPOSA - Eu tinha aqui dentro, bem aqui um filho, um filho que eu nunca quiz e que você me deixou.

FERNANDO - Um filho, por que não me disse?

ESPOSA - Ora, cale a bouca, você acha que eu ia querer um filho seu? nunca, eu tirei ele, tirei como quero tirar você de mim.

FERNANDO - Mas você não pode, não é você, não pode tirar todos os



filhos que quizer, tudo que me lembra, mas eu continuo aí dentro de você e sempre estarei, porque você não me falou desse filho?

ESPOSA - Meu Deus, tudo isso é uma loucura, não podemos, não podemos.

FERNANDO - Podemos sim, podemos.

ESPOSA - Não (grita) não podemos, agora não, ele me tem e aquele filho não era dele, eu não podia, ele... será que você não entende?

FERNANDO - Eu entendo sim, não estou... só quero que fique ao meu lado.

ESPOSA - Vá embora, por favor, vá embora.

FERNANDO - Eu irei, mas continuarei lhe procurando, você não me esquecerá.



No depósito de lixo, nova residência dos favelados da Mos-  
soroça.

ZENILDA - Deus do céu comadre, que nós vamo faze? Não chora crian-  
ça.

DAS DÔ - E o Zé que não chega.

SURUBA - Porque que ele chora tanto heim?

ETELVINA - Ora seu vagabundo, se não tá vendo que a criança tá do-  
ente.

MARIA JOSÉ - Comadre não é melhor chamá o médico?

SURUBA - Eu não sei de médico, mas tem uma rezadeira...

ETELVINA - Cala a boca vagabundo, sê não sabe nada.

DAS DÔ - Meu Deus, e o Zé que não chega.

SURUBA - Eu já sei vô até a casa da dona Soraia.

ETELVINA - Pra que?

SURUBA - Ela tem umas fruta, eu vi na dispensa dela, quem sabe is-  
so não vai ajudá que o menino melhora.

ETELVINA - Vai logo home.

MARIA JOSÉ - E eu vô procurá o Zé, talvez ele teje precisando de  
ajuda.

ZENILDA - Isso, não perde tempo, senta aqui comadre.

DAS DÔ - Não posso, ele não para de chorar, ai meu Deus!

ZENILDA - Calma, tudo há de melhorá.

DAS DÔ - Parece que tudo tá desmoronando na nossa cabeça. O Zé de-  
sempregado, agora esse supermercado que tão querendo fazê, tiraram  
nós de lá, prá trazê prá cá, cadê a água, a luiz, as iscola, as  
creche e as...

ETELVINA - Calma comadre, a vida da gente é assim mesmo, mas tudo  
há de melhorá.

DAS DÔ - Mas e' o Zé?

ZENILDA - Vai vê ele tá conseguindo um emprego, vai vê é isso.

No edifício, Zé ameaça se atirar.

ZÉ - Eu quero um emprego, um emprego.



REPÓRTER - Parece inacreditável senhoras e senhores, são dez horas da noite e o nosso espetacular suicida continua decidido a conseguir seu intento. Todos os esforços...

MALANDRO - Bá, já estamos aqui faz um tempão ouvindo esse tagarela e ele não tomou nenhuma atitude.

CAPITALISTA - Isso é uma falta de responsabilidade. Nos faz ficar aqui dizendo que vai se suicidar e no entanto não passa de um mentiroso. Eu vou processá-lo por isso.

ZÉ - Vocês não entendem eu só quero um emprego.

MORALISTA - Por favor Zé, tenha calma.

ESPORTISTA - Olha só o miado do rapaz, seja mais homem rapaz, porque não se atira de uma vez?

VENDEDOR 2 - É, eu já estou empeciente por sua causa, gastei o meu dinheiro na compra dessa luneta.

VENDEDOR 1 - Não, não, espera só um pouquinho, eu apostei que você se atiraria as 10:15 em ponto.

VENDEDOR 3 - Ah, por mim pode se atirar, eu já vendi todas as almofadas mesmo.

MALANDRO - Como é. Ô frango metido a galco, quando é que tu vai despencar?

ZÉ - Eu quero um emprego, porque vocês não me ouvem?

CAPITALISTA - Vamos lá pessoal, vamos acabar logo com isso, vamos decidir por ele... Se atira, se atira, se atira...

ZÉ - É isso que vocês querem, pois então... AAAAAAHHHHHHHHH...

(Segue-se ao grito do Zé um baque de um corpo caindo no chão)

Apagam-se todas as luzes, e acendem as do palco, onde está Das Dô, quieta no fundo do palco, sentada, calada.

ZENILDA - Tomara que a Carlota não apareça aqui, eu não suportaria aquela jararaca.

ZENILDA - Do jeito que ela é incherida, já deve tá vindo prá cá.

ZENILDA - Se ela botar os pé aqui eu atiro nela.



EETELVINA - E agora comadre? e esse supermercado que vão construí?

ZENILDA - Eu só sei que tá todo mundo num desesperamento danado, danado, ninguém sabe o que fazê.

SURUBA - (Entrando) Olhe, olhe aqui o que eu consegui.

EETELVINA - Oh, quantas frutas, comadre olha aqui, (se dirigindo à Das Dô, onde está com... Ah, está aqui, olhe comadre), frutas frescas, fresquinhas. Foi o Fungêncio que trouxe. Ah, o pequeninho já dormiu, coitadinho, pegue comadre, deixe que eu agarro ele um pouquinho. Vem cá vem...

O bebê está morto, Das Dô vem a frente e canta a "Cantiga prá Acordar".

I cabô a peça.

Mais o chôu continua...



## DE MIM PARA O MEU BEM

Talvez um tanto eu ousasse saber de ti  
Por que é que eu nunca me fiz alguém?  
Talvez um tanto eu gozasse só para ti,  
Me usasse prá me fazer teu bem.

Meu bem tu só me dá esmola e coca-cola  
Sempre enfim,  
Meu bem tu desfaz os meus sonhos  
Meu bem tu só faz mal prá mim,  
E agora qué minha vila, levá minha vida,  
O amor é assim  
Vê se me deixa a poesia  
E a fantasia de ser feliz.

Talvez um tanto eu ousasse saber de ti  
Porque é que eu nunca me fiz alguém?  
Talvez um tanto eu gozasse só para ti,  
Me usasse prá me fazer teu bem

Meu bem eu sei que tão me usando  
E me abusando por aqui  
Eu sei, tem nêgo atrás do muro  
Regendo tudo que sai de mim  
E agora vão levá minha vila, levá minha vida,  
O amor é assim  
Vê se me deixem a poesia  
E a fantasia de ser feliz.



## TRA-BA-LHAN-DO

Risco e ronco  
 Fuga e fome  
 Risco e ronco  
 Fuga e fome  
 Risco e ronco  
 Fuga e fome

Tô tragando na patente  
 Mas tem home prá cuida  
 Tá na hora...  
 Tá na hora...

O relógio mostra os dente  
 Avisa que é prá voltá

Tic 5  
 Tac 4  
 Tic 3  
 Tac 2  
 Tic 1  
 Tac Zero

Tra-ba-lhan-do  
 Tra-ba-lhan-do  
 Tra-ba-lhan-do Risco e ronco  
 Tra-ba-lhando Fuga e fome  
 Tra-ba-lhando Tá na hora  
 Olha a boca prá cume  
 Olha o braço prá forçá  
 Olha a boca prá gritá  
 Olha o braço prá quebrá  
 Olha a fome  
 (Olha a fome)  
 Olha os home  
 (Olha os home)

Tra-ba-lhan-do  
 Tra-bo-lhan-do  
 Tra-ba-lhan-do...



## PAPELEIRO

Olhei pros garoto  
 E prá nega, ali no chão  
 Não chorei  
 Pareciam sonhar  
 Com arroz e feijão  
 Na rua meu dia  
 Sei de cór  
 Em casa, o choro do menor  
 A vida tem dessas razão  
 Partí com a carreta  
 E o maltratado chapéu  
 Serenei, dia bom para recolher o papel  
 Nas costas,  
 A fome corre Atrás  
 Na frente,  
 O futuro não desfaz  
 O medo dessa escravidão  
 A desilusão, um samba-canção  
 Que não vamos cantar  
 Como então encarar  
 O amigo do bar?  
 Sem dinheiro  
 Em casa chegar  
 Rogo a quem pode ter  
 Papel para mim vender  
 Desse lixo eu como  
 Permite meus filhos a viver  
 Quem me empurra à sorte  
 Dita a minha morte  
 Não quero voar para o chão  
 Por favor,  
 Tenha coração

Cumpra o seu papel  
 Meu sangue não compra o céu  
 Desse lixo me salva





## CANÇÃO DE ACORDAR

- A | Fio óia a minhas mão  
 É coisa que engorda,  
 Acorda, acorda, acorda, acorda  
 Fio meu  
 Se o karma é direito  
 Deus então é perfeito  
 E sabe escrevê,  
 Mas se a linha tá torta  
 Não me façam de porta  
 Para a dor de quem vem
- B | Fio óia minhas mão  
 Nelas a vida é certa  
 Desperta, desperta, desperta, desperta  
 Óia bem o coração  
 Do teu fio já não bate não  
 Rebento torto, agora morto  
 Quem vai te acalantar?
- C | Os homi diz que sim  
 Diz que a fome é coisa de bom fim  
 Quem nasce torto, mesmo morto  
 Não deve atrapaiá
- A | \_\_\_\_\_  
 Quem arranca esse filho  
 Quem mata esse brilho  
 De ventre no olhar  
 São aqueles que comem  
 E se vestem de homem  
 E que fingem te amar
- B | \_\_\_\_\_
- C | \_\_\_\_\_  
 Diz que não  
 Morreu, nasceu  
 Noutra dimensão

